

Cid Seixas

A LITERATURA NA BAHIA

(Livro 4)

Final do Século XX



e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

Este livro é formado por quinze artigos em torno de obras e autores baianos com destacada atuação no final do Século XX. Todos os textos foram retirados do acervo da coluna “Leitura Crítica”, assinada por Cid Seixas de 1994 a 1998, no jornal *A Tarde*, de Salvador.

O artigo sobre *O cachorro e o lobo*, de Antonio Torres, aqui incluído foi publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, tendo sido escrito a partir do texto da coluna “Leitura Crítica”.

Aleilton Fonseca, Antonio Torres, Aramis Ribeiro Costa, Bráulio de Abreu, Cyro de Mattos, David Salles, Elieser Cesar, Euclides Neto, Gláucia Lemos, Guido Guerra, João Carlos Teixeira Gomes, Ruy Espinheira Filho e outros figuram no livro, sem refletir preferência ou hierarquia, pelo fato de suas obras terem sido abordadas nos últimos anos da coluna, dedicada a livros e autores brasileiros e estrangeiros.

Os livros tratados nos demais artigos publicados pelo autor serão incluídos em novos volumes de *A Literatura na Bahia*.

A LITERATURA NA BAHIA | 4

Tipologia: OriginalGaramond, corpo 12.
Formato: 12 x 18.
Número de páginas: 126.

Figura da capa: foto da Casa do Comércio,
marco arquitetônico da região no século XX.
Ilustrações: cenas daBahia.



Endereços deste e-book:
<http://issuu.com/ebook.br/docs/seculo20>
<http://issuu.com/cidseixas/docs/seculo20>
www.e-book.ufes.br
www.linguagens.ufba.br

Cid Seixas

A LITERATURA NA BAHIA

(Livro 4)

Final do Século XX

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

EDITORA UNIVERSITÁRIA DO LIVRO DIGITAL

e-book.br

Coleção Literatura na Bahia, vol. 4

CONSELHO EDITORIAL:

Cid Seixas (UFBA | UEFS)

Itana Nogueira Nunes (UNEB)

Flávia Aninger Rocha (UEFS)

Gilca Seidinger (UFSB)

A LITERATURA NA BAHIA

Impasses e confrontos de uma vertente regional

1 | Tradição e modernidade

2 | 1928: Modernismo e maturidade

3 | Três temas dos anos trinta

4 | Final do século XX

2017



SUMÁRIO

Antonio Torres escreve a fábula do bicho-homem	9
Novas histórias de proveito e exemplo	19
Guido Guerra: Do trágico ao irônico	25
A força selvagem segundo Cyro de Matos	31
O lirismo como expressão pessoal	37
O elo perdido com o leitor	45
As fábulas do cotidiano	55
Conversa de chifre enroscado	69

A crítica de David Salles	69
Um inventor de vidas e lugares	75
A poesia do decano	81
Sombra de palavras	87
As chamas da memória	95
Tempestade de ideias	101
David Salles e a crítica de rodapé	109
Livros do autor	115



ANTONIO TORRES ESCREVE A FÁBULA DO BICHO-HOMEM

“Num tempo em que esse mundo velho era povoado por contadores de histórias, um galo cantando fora de hora já era o começo de um romance”. É assim que Antonio Torres abre um dos capítulos iniciais do livro *O cachorro e o lobo*, assinalando um duplo resgate: o retorno a um tempo mítico, no qual o homem encontrava o vagar necessário para reparar nas coisas, e o resgate daquela gente que sabe contar histórias.

Habitando a fratura entre dois lugares distintos, a cidadezinha da infância perdida e a metrópole da competição, a obra de Torres se caracteriza pela procura do novo, pelo experi-

mento. Já com esse livro, ele abre as comportas do açude, deixando sangrar as águas da emoção mais direta e despojada. Se nos primeiros romances, a escritura precisava se ancorar na razão e apostar no experimentalismo para neutralizar as confissões do sujeito, chegou um tempo em que as descobertas devolveram à linguagem o saber necessário para falar do silêncio e do tumulto do homem.

O cachorro e o lobo é resultado do encontro da sensibilidade do autor com a sensibilidade do leitor, fundindo os dois rios num estuário em que a emoção e o sentimento mais íntimo não precisam ser escondidos. Quando a escrita é simultaneamente pessoal e transferível, o mar de palavras constrói aquilo que já foi definido por Drummond como o sentimento do mundo.

Autor de uma obra formada por quase uma dezena de livros, Antônio Torres vem sendo reconhecido, sobretudo, como o autor de *Essa terra*, romance publicado em 1976 e reeditado sucessivas vezes. As traduções do livro para o inglês, o francês, o alemão, o espanhol, o itali-

ano etc. serviram para abrir espaço nas letras nacionais para esse baiano do sertão que, a exemplo de outros retirantes, partiu em busca da terra prometida dos nordestinos: a São São Paulo, conforme o título da canção de Tom Zé, um outro baiano emblemático.

Torres começou a vida como jornalista em Salvador, transferindo-se depois para a *Última Hora* de São Paulo e, finalmente, para o Rio, onde trabalha em publicidade.

O interior continuou sendo uma referência um tanto longínqua, embora forte, constituindo o espaço e o cenário mais profundo e recuado do seu mundo ficcional. Foi esse espaço interior e paisagístico, que tem como centro polar a antiga Junco, no caminho dos sertões de Antonio Conselheiro, que forneceu a seiva de *Essa terra*. Foi esse mesmo livro que consolidou o nome de Antônio Torres como escritor.

REFERENCIAL — Ao retornar, vinte anos depois, à ruidosa quietude da sua Macondo, Torres escreveu um livro que não

apenas dá continuidade à saga de Totonhim pelas veredas do Junco e pelas terras da promessa que ficam “pra lá do Vale do Anhangabaú”. *O cachorro e o lobo* é um livro que, pela madureza da escrita e pelo domínio da técnica romanesca, passa a ser o referencial da obra do autor. Feito escritor, maduro e senhor do seu ofício, a volta ao lugar da partida serviu para corrigir o viés do olhar, ou para reescrever, com ternura e sabor de fruto sazornado, o intervalo entre a cidade e o sertão — a civilização e a natureza.

Durante muito tempo, embora refinando a escrita e diversificando a temática, Antônio Torres continuou sendo o autor de *Essa terra*. Mesmo quando a crítica apontava nele um artesão do texto mais seguro e cheio de inventos, o livro de 1976 projetava sombras sobre as novas histórias. Caio Fernando Abreu escreveu na revista *Veja* que Torres vinha conquistando um universo próprio inconfundível, com a garra de quem estava disposto a ocupar um dos grandes lugares vazios deixados na litera-

tura brasileira por Clarice Lispector, Guimarães Rosa ou Osman Lins.

Mas *Essa terra* persistia como afirmação e desafio. O lugar da partida era apenas um ponto distante, um polo distinto do lugar de chegada.

O cachorro e o lobo se apresenta com a força de uma obra essencial, coroando a plenitude do romancista e se propondo como referência obrigatória. Os fantasmas e criaturas do universo romanesco de Antônio Torres não mais pertencem ao pequeno mundo da velha vila do Junco. Pertencem à cidade solar da criação, ao lugar do sonho e do desejo de todo leitor. Ou melhor: o Junco que serve de paisagem ao romance *O cachorro e o lobo* não é mais uma cidadela plantada na “boca do sertão” baiano, nas estradas de poeira levantada pelas sandálias da gente de um outro Antônio, que erguia igrejas e torres. O engenho da ficção integrou o lugarejo desconhecido na geografia literária do mundo contemporâneo.

A Macondo de Antônio Torres e o Junco de García Márquez (que embaralham e con-

fundem capitais de países de sonhos tão diversos) são cidades um pouco parecidas. Cidades que flutuam na memória e na sensibilidade de milhares de leitores.

O romancista de *Essa terra*, de *Balada da infância perdida*, escreveu uma *Carta ao Bispo*, pegou *Um táxi para Viena d'Áustria* e, finalmente, conseguiu reunir frente a frente duas espécies próximas e distantes: *O cachorro e o lobo*.

LUGAR DE SONHO — Para juntar antepassados e pósteros de uma mesma família de migrantes desgarrados, o autor precisou criar um *habitat* adequado. Um lugar de sonho plantado sobre pálpebras abertas e olhos esbugalhados. Ele construiu uma cidade de todos nós, situada naquele espaço tão grande e desconhecido para o perplexo viajante, que Drummond cunhou o topônimo *Oropa-França-Bahia*, perdido nos confins do horizonte e da razão.

Com o progresso do Centro-Sul do país e o desequilíbrio crescente entre essa região e o

Nor-deste, uma nova humanidade de retirantes – não mais os retirantes da seca, mostrados pelo romance regional – habita as páginas da ficção *torreana*. São os migrantes de um outro Brasil, do Brasil perdido no tempo e nas roças abandonadas. Com a ilusão criada pelas luzes da Cidade Grande, o homem do Nordeste que plantava e colhia a vida nesse chão, nessa terra, foi plantar sonhos e decepções nas construções de concreto de São Paulo.

É esse homem, retirante de si, que Antônio Torres vai buscar para constituir a população da sua cidadela de papel. O velho lobo espalhou as crias pelo mundo. Mas, em vez de lobos, capazes de habitar as tocas do mato e liderar a matilha, nascem cachorros desgarrados, perambulando pelas ruas da cidade.

Uns são atropelados pelas máquinas. Outros desaparecem. Um ou outro cão solitário consegue se fazer ouvir, uivando para a lua, na esperança de algum dia reunir a matilha, como faziam os ancestrais.

Livro linear, que conta uma história palpável e de fácil assimilação, *O cachorro e o lobo* é

também um romance emblemático, alegórico, onde leituras paralelas conferem uma nova dimensão à linearidade da fábula.

O forte desse livro é retomar o gosto de bem contar uma história, como faziam os narradores de ontem e como fazem os narradores de hoje e de sempre. Cervantes, Maupassant, Camilo, Machado, Torga, Amado ou Adonias.

Josué Montello, no *Diário da noite iluminada*, diz que todo o drama de Narciso está no fato da imagem que ele tem de si mesmo não coincidir com a imagem vista pelos outros. E lembra: por vezes, não é outro o desencontro do autor e do leitor.

Mas quando o artista vai se tornando senhor do seu engenho, o tiro no escuro, ou o experimento meramente probatório, na busca desesperada de fazer coincidir as duas imagens, cede lugar à confluência da emoção do autor para a sensibilidade do leitor. É o que acontece nesse novo livro de Antonio Torres.

Farrapos de memória, cerzidos com fios dourados de ficção, ganham consistência ao serem aplicados à entretela do romance. Uma

resistente costura de tacos multiformes constituiu o bordado, ou o novo tecido, feito de materiais de natureza diversa para formar a textura una e bem urdida de uma bela colcha de retalhos onde nasceram o cachorro e o lobo.

ANTONIO TORRES ESCREVE A FÁBULA DO BICHO-HOMEM. Artigo crítico sobre o livro *O cachorro e o lobo*, de Antonio Torres. SEIXAS, Cid. *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, p. 3, 8 de novembro de 1997. (Este texto resulta de uma nova versão do artigo anterior: Uma fábula do bicho homem. Coluna “Leitura crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 30 jun. 97, p. 7.)



Sede da Academia de Letras da Bahia



NOVAS HISTÓRIAS DE PROVEITO E EXEMPLO

Gláucia Lemos, sem sair da Bahia, consegue que seus livros para crianças e adolescentes alcancem várias reedições. Qual o segredo?

O mais constante desejo de todo escritor baiano é conquistar seu lugar no mercado editorial, sem ser obrigado a sair da Bahia. Bons autores ficam confinados ao pequeno círculo de leitores iniciados, se não forem morar no centro-sul. Ao contrário do que aconteceu com a música axé, depois que Vevé Calazans, Jerônimo, Luis Caldas e outros deram dimensões nacionais ao gênero; nas artes de caráter menos midiático, a Bahia só aceita aquilo que é referendado pelo público do eixo Rio-São Paulo.

Nossa identidade cultural depende das molduras do espelho alheio. Somos a primeira cidade de porte metropolitano criada do Brasil, mas não perdemos o espírito colonial de dependência. Como público, não somos ainda maduros para escolher. Uma mãozinha vinda de fora vale mais do que talento.

É bom lembrar que Jorge Amado só voltou a morar em Salvador depois de reconhecido no mundo inteiro. João Ubaldo Ribeiro, enquanto trabalhava em agências de publicidade e redações de jornais baianos, era apenas conhecido pelo pequeno público formado por oficiais do mesmo ofício. Deixou tudo e foi correr mundo; virou “sucessor de Jorge Amado”... Vasconcelos Maia, Ariovaldo Matos, Wilson Lins e tantos, entre vivos e mortos, são escritores condenados a uma pequena audiência.

Escritor que vive na Bahia, mesmo publicando lá fora, tem dificuldade de ganhar espaço na mídia e, conseqüentemente, de alcançar o público. As exceções são raras e conhecidas. Entre elas está Gláucia Lemos, com seus livros para crianças e jovens, recomendados em centenas de escolas, por todo o país.

É verdade que os bons ventos sopram mais para o lado da literatura infanto-juvenil. No gênero, ela disputa um lugar, palmo a palmo, com os autores que vivem lá fora. O segredo é um só: deixar que a antiga criança saia de si e caminhe de mãos dadas com a mãe e a avó de hoje, perscrutando o jeito dos filhos e netos.

De experiência vivida e renovada, Gláucia Lemos constrói sua obra, que hoje ultrapassa duas dezenas de títulos. *A garota do bugre*, publicado pela editora Dimensão, de Belo Horizonte, está centrado numa história de adolescentes; seus amores impossíveis, pequenas angústias, alegrias e sonhos.

Danilo, enquanto se prepara para o vestibular, sonha com Vera, a garota do bugre amarelo. Mesmo que seja um sonho impossível. Ela não é propriamente uma garota. Pequena, com jeito frágil e olhar furtivo, não parece ser mãe de duas meninas. Bem mais velha do que ele, é casada, 35 anos. Todas as manhãs frequenta às aulas de pintura da mãe de Danilo.

No colégio, o tempo passa. A mãe de Danilo preocupa-se com os amigos escolhidos. Um deles, de classe de alta, senhor de suas vontades, não é visto com simpatia. Ela prefere que

seu filho ande com os colegas de família mais modesta, assim como eles, que precisam estar com os pés no chão.

Uma colega morre de overdose de drogas. A polícia investiga o caso.

Por trás de toda a trama construída por Gláucia Lemos está uma preocupação moralizante, marca da sua literatura para jovens e crianças. Nas primeiras páginas do livro, Danilo faz uma advertência à irmã que morre de amores por Diego:

– “Também não precisa ser tão oferecida. Por isso é que ele não se importa com você. Homem gosta de mulher difícil... Valoriza a conquista.”

A fala passaria despercebida, pois a narradora, embora direta e incisiva naquilo que quer dizer, faz o personagem transmitir seus recados em meio a uma situação divertida, escondendo a intenção. O diálogo salta para um jogo alegre e sugestivo, fazendo com que o conceito atue subliminarmente.

Mas o desfecho da trama reforça a preocupação moralizante. Passado o tempo, nas férias do curso de Agronomia, que Danilo fre-

quenta em outra cidade, os colegas se reúnem para um reencontro, na festa oferecida pela mãe de Danilo. Vera também é esperada. Depois do tempo transcorrido, ele quer rever a menina do bugre amarelo. Soube que ele se separou. A ansiedade aumenta.

Chegado o momento aguardado, o desencanto. Não é mais aquela garota de olhar furtivo e jeito terno que está à sua frente. Em pouco tempo de conversa, Danilo descobre nela outra mulher.

Onde estaria aquela garota? O olhar tímido deu lugar a gestos ousados e decididos. Depois da separação, Vera deixou as filhas com o ex-marido e resolveu “aproveitar o tempo perdido”. Com o dinheiro da pensão judicial, vive sem precisar trabalhar.

Em conversa com um dos amigos, Danilo confessa:

– “Não é dessa que eu gostava, Valdão. Eu gostava daquela que ela era antes, no tempo do casamento. Discreta, de cabelo curtinho e franjas na testa, que ia à minha casa carregando a filha com carinho.”

E no fim do diálogo, acrescenta:

– “A minha menina do bugre amarelo era outra, na qual eu não tentaria por as mãos naquele tempo. Queria, mas achava que nunca poderia tê-la, entende? Agora posso tê-la, agora mesmo, a qualquer hora qualquer um pode tê-la”.

Retomando a função ética da literatura, proposta pelos eruditos medievais ligados à igreja e incorporada pelo neoclassicismo, Gláucia Lemos encontra na literatura para crianças e jovens o território adequado para a ficção moralizante. Ou, conforme o dizer antigo, para as histórias de proveito e exemplo.

NOVAS HISTÓRIAS DE PROVEITO E EXEMPLO. Artigo crítico sobre o livro *A garota do bugre* de Gláucia Lemos. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 10 ago. 98, p. 7.



GUIDO GUERRA: DO TRÁGICO AO IRÔNICO

Depois de bem sucedidas incursões pelo vasto território do romance, Guido Guerra volta ao conto, escrevendo páginas da melhor qualidade em *Vila Nova da Rainha Doida*.

Guido Guerra saltou da crônica diária do jornal para as páginas do livro quando ainda não conhecia o fluxo das traçojeiras correntezas do rio, cortado por pedras, quedas d'água e cachoeiras – o curso da escrita.

Os contos de *Dura realidade*, publicados em 1965 pela Editora Progresso, marcaram a estreia de um escritor que em quase nada deixava entrever o ficcionista da maturidade. *Na casa do sem jeito*, livro de crônicas que veio em

seguida, trazia para o livro a irreverente figura do Papagaio Devasso, uma espécie de Boca do Inferno dos inquietos anos sessenta.

Mas não foi assim que ele permaneceu. O tempo poliu a pedra bruta, a brita. As águas de muitos rios lavaram a língua, o trapo, e surgiu, reluzente, a luz do trabalho e da seriedade. Surgiu o escritor Guido Guerra.

Se nos primeiros livros, o jornalista tentava dar ares de ficção a uma reportagem única e recorrente – os fatos do seu mundo interior –, nos últimos livros, o artesão da escrita se faz artista; se faz escritor.

Quando os personagens do Guido Guerra dos anos setenta falavam, era uma voz uníssona que dizia o seu sentimento. Somente anos depois veio a despersonalização, o dialogismo, a presença de vários sujeitos, verossímeis, verdadeiros, independentes do seu criador.

Anos depois, não mais uma voz uníssona diria o seu sentimento, o pessoal e o intransferível; mas várias vozes de vários personagens passam a dizer o sentimento do mundo, o impessoal, o transferível a todos nós, a

toda voz. Várias vozes diziam, na tessitura do texto ficcional, que surgia um escritor.

Somente anos depois ele sairia da *casa do sem jeito* para o *céu azul do sol poente*, onde *Dr. Salu* anuncia as santas aparições da luz, da terra, do ficcionista Guido Guerra. Não mais o Papagaio Devasso, não mais o Língua de Trapo, mas o escritor, o criador de mundos e de criaturas.

Aquele que aprendeu, através do diálogo bem tecido e da voz do outro, a dar voz a si mesmo e às criaturas que precisam falar.

* * *

Nos últimos vinte anos, Guido Guerra construiu seu espaço no quadro da ficção e, especialmente, do romance brasileiro com livros como *O último salão grená*, *Lili Passeata*, *Quatro estrelas no pijama* e *Ela se chama Joana Felicidade*, publicados pela Civilização Brasileira, pelo Clube do Livro e depois pela Record.

Jornalista por formação, começou pela narrativa curta, pela história feita para ser lida de

uma só fôlego. História que reunia a agilidade da reportagem e o humor circunstancial da crônica. Depois, ele descobriu que precisava do tempo e do espaço romanesco para conferir densidade aos seus personagens, muitos deles nascidos do texto perecível de jornal.

Chegando ao romance, Guerra apurou sua artilharia narrativa e amadureceu como escritor. *Vila Nova da Rainha Doida*, que acaba de chegar às livrarias e está sendo lançado em Salvador, é o retorno do escritor ao campo de desafios da história curta. Nesse livro ele realiza alguns contos exemplares, capazes de permanecer na mente do leitor, engendrando outras palavras. Palavras ditas do interior de cada um de nós quando tecemos o fio de ligação entre o destino dos seus personagens e o nosso cotidiano de leitores.

Outros contos do livro, no entanto, ainda permeiam a crônica, com sua despreziosa espontaneidade, onde o anedótico se sobrepõe à astúcia fabulativa. São histórias que não alcançaram o mesmo nível de linguagem e fabulação que caracteriza o livro como um conjunto, como um todo formado por cordi-

lheiras ensolaradas e vales sombrios. Mas as boas histórias compensam plenamente os momentos em que o cronista do cotidiano aligeirado insiste em ocupar espaço nessas quase duzentas páginas de *Vila Nova da Rainha Doida*.

O mundo rural, as pequenas cidades do interior, tomadas como metáforas confortáveis da sociedade global, constituem o território mais luminoso da narrativa de Guido Guerra, o espaço onde ele realiza melhor o trabalho ficcional. As histórias transcorridas nesse mundo emblemático são as mais fascinantes, a exemplo daquelas passadas em Mirante dos Aflitos, cidade do Coronel Duarte e do seu fiel escudeiro Tibério Boa Morte.

Nesse espaço denso e trágico o ficcionista pode alcançar seus mais bem acabados relatos, transpondo para o domínio distante das ficções do interior, a opressão e a injustiça que caracterizam a reluzente miséria do neoliberalismo mais selvagem.

Sem fazer apologia dos deserdados e sem macaquear o engajamento dos anos sessenta, o texto desse escritor dispara certo e objetivo, guardando nos cofres do faz de conta os

tesouros da solidariedade e da denúncia mais consequentes.

A força da tragédia banal dos homens simples é, às vezes, arrefecida pela busca do humor. Em meio ao desapontamento do narrador e do leitor diante das impassíveis engrenagens da máquina do mundo, Guido Guerra recorre ao humor de conformação um tanto irônica e cáustica, quebrando a tensão da narrativa. Mas os melhores momentos são aqueles em que ele enfrenta o destino das suas criaturas de papel, deixando que elas executem movimentos de desespero e resignação contra a rede da vida. Deixando que elas encenem o gesto falido ou o ensaio mambembe desse drama cujo roteiro todos nós gostaríamos de reescrever. Mas esse drama não se passa num palco, mas nas ruas do nosso tempo, onde o riso desconcertado toma o lugar que poderia ser ocupado por um soco no vazio – ou pelo impassível fluir do trágico.

DO TRÁGICO AO IRÔNICO. Artigo crítico sobre o livro *Vila nova da Rainha Doida* de Guido Guerra. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 1º jun. 98, p. 7.



A FORÇA SELVAGEM SEGUNDO CYRO DE MATOS

Berro de Fogo e outras histórias reúne dez contos escolhidos entre inéditos e livros esgotados de Cyro de Mattos. Acertadamente, a Universidade Estadual de Santa Cruz, a Fundação Casa de Jorge Amado e a UFBA se uniram para promover esta coedição.

Obras como *Berro de fogo*, *Violentos e desalmados*, *Os brabos*, *Duas narrativas rústicas* e *Os recuados* estão há algum tempo esgotadas e inacessíveis ao leitor.

Quem não conhece o contista Cyro de Mattos terá a oportunidade de descobrir uma das vozes mais fortes da literatura produzida na região do cacau. O leitor de hoje talvez re-

pita as palavras ditas por Ferreira de Castro, há mais de trinta anos: “Seus contos revelaram-me um novo escritor. Inventivo e de forte expressão.” A força da palavra e das situações engendradas marcam a presença do contista e inscrevem seu nome de forma vigorosa. Mas a alusão ao seu lugar entre os escritores regionais não quer limitar o alcance de uma obra, há muito conhecida e incluída entre as boas contribuições dos grapiúnas à literatura brasileira.

Sabe-se que o ciclo do cacau, ou a opulência econômica da região sul da Bahia, propiciou o aparecimento de narradores poderosos como Jorge Amado e Adonias Filho, para citar apenas os dois nomes mais conhecidos. Além deles, uma dezena de escritores (romancistas, poetas e contistas) buscaram seu próprio espaço e deram destaque à produção regional.

Nenhuma história da nossa literatura estará completa se ignorar a importância individual e conjunta dos escritores grapiúnas. É neste quadro onde a qualidade é um fato que a obra

de Cyro de Mattos desponta e se inscreve. Esta coletânea, *Berro de Fogo e outras histórias*, traz mais de uma narrativa que pode ser incluída em qualquer antologia do conto brasileiro.

Isto quer dizer que Cyro de Mattos, apesar de não fazer parte do pequeno círculo de escritores contemporâneos abençoados pela mídia, se impõe por outros caminhos: pela força das suas narrativas. A crítica tem sido favorável à sua obra, e alguns dos nossos melhores escritores já leram e recomendaram a leitura deste contista.

Alceu Amoroso Lima surpreendeu-se com o que chamou de “admirável ficcionista”, ressaltando o “estilo profundamente impregnado de nossa fala brasileira”.

Neste livro agora publicado, chamo a atenção do leitor tanto para os contos inéditos quanto para outros já premiados e incluídos em antologias. “Os brabos”, história de um matador, que abre o volume, dá uma mostra expressiva do recurso usado constantemente por Cyro de Mattos. Ele constrói personagens rudes, quase selvagens, em meio a situações de

desespero. Para que estes personagens de papel apareçam vivos e com sangue quente a correr nas faces, recolhe a linguagem mais direta e característica deste gente.

O resultado da receita, simples e sem concessões ao maneirismo dos literatos, é uma escrita que parece história contada ao pé do fogo, nas noites da roça. O narrador consegue fotografar a força selvagem das situações para nos ofertar, encadernadas, num álbum de cores enrubescidas.

“Inocentes e selvagens” é outra história que permanece na mente do leitor graças a esta combinação de um tema marcado pela brutalidade do poder com o relato direto e sem concessões à reflexão ética ou filosófica. Em moldes de instantâneos, colhidos no calor da hora, Cyro de Mattos compõe seu painel de contos a partir de uma ótica que lembra um pouco o chamado cinema verdade. Este tipo de arte ganhou notoriedade na mesma época em que ele publicou os primeiros livros. A narrativa apenas conduz o olhar do leitor para os lugares onde a ação se desenvolve, flagrada na cla-

reza solar ou na penumbra recolhida do silêncio.

Tudo isso confere duração ou permanência às tramas dos contos de Cyro de Mattos. Quanto o leitor, após o ato da leitura, volta a ruminar os acontecimentos do universo ficcional do autor é que percebe este traço durativo e compreende por que o poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu a sentença: “São histórias que ficam na lembrança da gente.”

Mas os contos de Cyro de Mattos não se sustentam apenas nos flagrantes da realidade social e na expressão objetiva da luta dos homens pela dominação ou pela sobrevivência. Há uma fabulação interior, uma reflexão contida e ocultada que conferem vida psíquica aos seus personagens. Eles não são apenas tipos polares que desempenham seu papel no palco dos conflitos sociais. Eles têm uma dimensão interior enraizada na explosão dos dramas e das misérias coletivas.

Quando um destes personagens se deixa surpreender na intimidade da vida familiar é

que se percebe os desvãos da sua alma. “Flor descoberta” pode ser tomado como o conto que se presta de forma exemplar à discussão da magnitude interior das rudes criaturas que transitam pelas veredas da roça.

A FORÇA SELVAGEM. Artigo crítico sobre o livro *Berro de fogo e outras histórias*, de Ciro de Mattos. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 23 mar. 98, p.



O LIRISMO COMO EXPRESSÃO PESSOAL

Memória da chuva, de Ruy Espinheira Filho, constitui, ao lado da sua *Antologia poética* (publicada no ano passado pela Fundação Casa de Jorge Amado), um dos momentos mais expressivos da poesia brasileira dos nossos dias.

A crescente audiência desse poeta, produto legítimo do seu momento e da atual circunstância do país e do mundo, pode ser entendida como uma resposta eloquente da arte poética às encruzilhadas do lirismo, cujos descaminhos, muitos de nós não soubemos resolver.

A partir da primeira metade do século, o lirismo deixou de representar a expressão de

uma individualidade privilegiada para esquadri-
nhar o território do outro. Se, desde a velha
Grécia, a lírica era aceita como manifestação
da subjetividade e rito de ascensão do sujeito
ao centro constelar do mundo social, o con-
ceito de despersonalização destruiu a clareza
das fronteiras entre o lírico, o épico e o dra-
mático.

Drummond sentenciou, inapelavelmente:
“Não faça versos sobre acontecimentos.” Isso
porque “as afinidades, os aniversários, os inci-
dentes pessoais não contam.”

Fernando Pessoa levou essa explosão ao
paroxismo com a dramatização do lirismo. Os
heterônimos são *outros eus* postos na cena do
teatro do ser. Através desse caminho radical,
o eu do poeta dá lugar a uma multiplicidade de
sujeitos verossímeis que atuam como porta-
vozes de todos nós. Tal lírica não é mais a ex-
pressão do sujeito, mas um lugar de encontro
com todos os homens – e espaço da alteridade.

Depois de estabelecida a ruptura com os
modelos da lírica até então praticados; e con-
solidada a novidade; é que vieram as vanguar-

das formalistas, cujo alcance da revolução operada no âmbito da linguagem não ultrapassou o *significante*, ou a camada material da palavra. Demasiadamente concreto, o tartamudear das vanguardas surgidas nos meados do século – como a poesia concreta, a práxis etc. – não chegou ao plano do conteúdo do dito, sempre abstrato e fugidio como o pensamento.

A crise do lirismo se instaurou com a “impossibilidade” de expressar a subjetividade do poeta. A efusão do eu lírico se dissolveu ao tropeçar naquela pedra que havia no meio do caminho.

Ora, o que caracteriza a poesia de Ruy Espinheira Filho é precisamente o choque com essa noção de modernidade na lírica. Quando os caminhos considerados mais atuais passam, de um lado, pelos monumentos da intertextualidade ou, do outro, pela hipertrofia da valorização das camadas fônicas do verso, Ruy mergulha nos desvãos da memória para retirar o lirismo pessoal e transferível.

Sua matéria é o sentimento de um instante fugidio. É a observação de um pedaço de mun-

do, visto pelas lentes dos seus óculos. É o tempo morto que não se perdeu, guardado vivo na memória.

O impulso memorialístico surge no escritor quando os novos fatos não mais surpreendem, quando não têm a mesma intensidade e o mesmo brilho das coisas passadas, quando a velhice se aproxima.

Como alguns poetas não precisam esperar este tempo crepuscular, em Ruy Espinheira Filho, a observação do mundo presente e a recuperação do mundo passado são caudais que confluem para um mesmo estuário.

Leitor voraz e atento dos livros e do mundo, esse lírico deslocado num tempo de lirismo raquítico, abre lugar para recuperar a força da subjetividade num mundo onde o sujeito às vezes não conta. Onde a máquina realiza com eficiência e neutralidade o que o homem constrói com envolvimento.

Com o poder da palavra, essa velha arma branca que, às vezes, se transforma em míssil de efeito remoto, o poeta abre clarões por entre os desvãos de um tempo para plantar se-

mentes de um outro tempo. O poeta transita para além da temporalidade, munido de um passaporte irrecusável: o poder da palavra.

É assim que Ruy Espinheira Filho reinstaura o lirismo e nos obriga a fazer silêncio para escutar a sua voz. Tal convicção daquilo que tem para dizer começa por cercar o seu dito de respeito. É assim que ele arranca do leitor palavras de admiração:

“Ruy é poeta que escreve no peito dos homens”, conforme Mário da Silva Brito. Ou ainda: “Sua poesia é hoje uma referência importante na renovação que se processa no lirismo brasileiro”, como Antonio Carlos Brito escreveu no *Leia Livros*.

Se os movimentos e consubstanciações da arte e do pensamento obedecem a um processo dialético, no qual uma nova síntese de vertentes e valores é a recuperação de uma velha tese enriquecida pela sua antítese, podemos dizer que o autor de *Memória da chuva* vai buscar nos escaninhos da atemporalidade os materiais perenes da construção. Nesse diálogo de tempos superpostos ou nessa dialética

de escrituras, Ruy Espinheira Filho se permite atualizar a proposição de Manuel Bandeira no livro *Libertinagem*, que reúne poemas dos anos vinte, como “Poética”, onde o modernista converso resiste ao sufocamento dos clamores do sujeito.

“Estou farto do lirismo comedido / Do lirismo bem comportando”, reclama Bandeira. “Quero antes o lirismo dos loucos / O lirismo dos bêbados / O lirismo difícil e pungente dos bêbados / O lirismo dos clowns de Shakespeare”.

Não estaria o poeta Ruy Espinheira Filho restaurando o lirismo liberto de Bandeira? Nos primórdios do modernismo brasileiro, quando os padrões já desenvolvidos pela lírica moderna desde o final do século XIX atrofiam o lugar do sujeito, poetas marcados pela exaltação lírica começam a protestar contra a “orfandade de poesia” que a todos ameaçava. É a mesma opção pelo lirismo enquanto voz do sujeito que alimenta a insurreição do autor de *Memória da chuva* e da exemplar *Antologia poética*.

Seu ímpeto de nadar contra a corrente permite realizar uma poesia pessoal e transferível. Transferível porque, ao alcançar a terceira margem do rio, aquela que a correnteza garante, Ruy Espinheira aproxima as suas verdades das verdades do outro. Liberta as palavras do seu peito para escrevê-las nas grandes muralhas da razão e da sensibilidade dos homens.

O LIRISMO COMO EXPRESSÃO PESSOAL. Artigo crítico sobre o livro *Memória da chuva*, de Ruy Espinheira Filho. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 14 abr. 97, p. 7.



Escultura de Mário Cravo.



O ELO PERDIDO COM O LEITOR

O leitor que busca no texto o prazer das descobertas, dos encontros inesperados e dos reencontros; que sabe cumprimentar com igual atenção a alegria das insignificantes banalidades do cotidiano e a surpresa de ver o que antes não via, lerá mais de uma vez os contos de Aramis Ribeiro Costa em *A assinatura perdida*.

Trata-se de um escritor que marca a sua presença diante do leitor da forma mais apropriada: através de um texto maduro e bem construído. Tendo publicado seus livros anteriores com repercussão limitada à Bahia (salvo dois títulos infantis lançados pela Ática),

Aramis Ribeiro Cos-ta chega ao mercado nacional, numa bem cuidada edição da Ilumi-nuras, com a qualificação necessária para ocupar um lugar ao lado dos bons contistas que se afirmaram nes-te fim do século.

A sua matéria, transmutada em arte, é a vida, a vida com seus vícios, virtudes, grandezas e misérias. A pequenez e a redenção dos homens. Sua linguagem, contida e depurada, sugere a absorção atenta dos clássicos de todos os tempos, brasileiros e estrangeiros. A naturalidade com que transita por entre os artefatos e artifícios da construção ficcional revela o leitor e o aprendiz dos narradores franceses e russos. Dos portugueses e brasileiros, especialmente de um clássico da modernidade, Josué Montello, a quem o livro é dedicado.

Com isso não se aponta dependência ou falta de originalidade, mas a retomada consciente e inventiva de uma tradição afortunada. Aramis Ribeiro Costa é um narrador que sabe construir seu texto e contar uma história bem engendrada. Há um sensível equilíbrio entre o domínio da linguagem, ou a construção do tex-

to vernáculo, e a fabulação de um mundo paralelo. Um mundo inventado com tanta arte que parece competir com o mundo real.

A encruzilhada na qual derrapam alguns dos novos ficcionistas é o descompasso entre a escrita e o invento. Autores como o paulista João Carrascosa (premiado com *Hotel Solidão*, publicado pela Scritta) ou como o moçambicano Mia Couto (cujas *Estórias abensonhadas* foram publicadas o ano passado pela Nova Fronteira), que dominam de forma notável a linguagem poética, fazendo da prosa de ficção uma elegia à escritura, nestes textos não engendram conflitos e situações capazes de preencher os vastos descampados do discurso. O leitor menos desatento percebe que as conquistas formais deixadas pelo estruturalismo constituem lições preciosas e, por isso mesmo, ainda presentes na criação literária deste fim de século.

A partir da consciência crítica do escritor e do domínio das metalinguagens do ofício, novos prosadores apuram os recursos linguísticos disponíveis, atingindo às vezes um nível de lin-

guagem classificado pelos teóricos da pós-modernidade como neobarroco.

Os contos de *A assinatura perdida* mantêm-se em outro patamar. Marcados pelo gosto clássico da narrativa, eles se reinventam como expressões legítimas dos nossos dias. Expressões que não aspiram o reluzente selo da vanguarda mas ocultam a não velada ambição da permanência.

O crítico Hélio Pólvora saudou com entusiasmo a aparição deste livro de Aramis Ribeiro Costa: “Aleluia. Ainda se escrevem contos que são contos. O conto que narra, a partir de um núcleo ficcional definido”. E sintetizou a natureza da invenção do autor: “O conto na tradição dos clássicos, mas tocado pelo espírito da modernidade.” Na verdade, o crítico manifesta o seu ceticismo com relação à eficácia das experiências narrativas da pós-modernidade, onde os elementos principais de uma história são postos de lado em favor da projeção de aspectos subsidiários. Cabe ao leitor pós-moderno preencher o vazio deixado pelos fragmentos de uma realidade incompleta.

Se tal exigência significa um avanço – tanto por parte do narrador, que passa a trabalhar com sugestões, radicalizando a proposta do simbolismo, quanto por parte do leitor, ao qual é exigida uma participação mais intensa, enquanto recriador do texto, – em contrapartida, inicia-se uma espécie de diálogo de surdos. Muitas vezes, emissor e receptor do discurso pós-moderno falam de coisas diferentes. A comunicação anula o referente, a linguagem torna-se meramente *fática*, para usarmos a expressão de Malinowsky difundida por Jakobson. É como se as mensagens servissem para prolongar ou para interromper a comunicação, testando o contato. Neste caso, é possível a aparição de grandes descobertas e de pequenas imposturas. Os estados de perplexidade de um indivíduo com pendores para a incomunicação podem ser mascarados em formas de “arte”, quando a derrocada da linguagem é interpretado como ampliação de recursos.

Convém lembrar, a propósito, que os artistas clássicos faziam sua aprendizagem de modo

rigoroso. Antes de se considerarem artistas deviam se tornar artesãos competentes e bem formados. Um escultor só passaria de artesão a artista depois de domar os mistérios do mármore e vislumbrar por entre eles os mistérios do mundo. Um poeta deveria, antes de tudo, saber escrever. Dominar os segredos da língua do seu povo para depois criar a sua própria língua poética.

Mas hoje, muita gente incapaz de desenhar uma forma simples resolve pintar um quadro revolucionário... Antes mesmo de aprendermos a escrever com clareza os sentidos da prosa do dia a dia queremos inventar novos sentidos na intrincada arquitetura do verso. Por isso a palavra não fala, cala. Muitos escritores, que começaram a escrever antes de saber ler, perderam o elo com o leitor. Seus livros pulam por aí, incompreendidos pelo mundo, à caça de editores e leitores.

Deste mal do século, com um travo de gosto romântico, Aramis Ribeiro Costa não morre. Os contos de *A assinatura perdida*, ao contarem uma história de forma quase irretocável

– porque o modo de narrar e aquilo que é narrado constituem um ao outro – restabelecem o elo perdido com o leitor. O livro pode ser lido com prazer tanto pelo leitor mais simples e menos afeito aos requintes da escrita, quanto pelo leitor exigente que encontra aí um diálogo, vivo e bem urdido, com suas próprias indagações.

Antes de usar a escrita e pedir a palavra, Ribeiro Costa aprendeu a ouvir, tornou-se leitor perspicaz e atento, para só depois dividir com os outros leitores a sua versão do mundo.

Por isso as doze narrativas de *A assinatura perdida* são da melhor qualidade. Algumas podem ser lidas uma, duas, muitas vezes, com renovado prazer. O autor sabe inventar, inverter, o mundo que viu, ou gostaria de ter visto, e fazê-lo caber nas poucas páginas do conto. Suas histórias obedecem ao arquétipo do conto clássico, no sentido de fundado na tradição literária. Por isso são breves, as tramas são simples, compostas por um só núcleo. Mas a brevidade bem tecida projeta na mente do leitor o

perfil das personagens e a complexidade dos temas sugeridos.

Mesmo numa narrativa destoante do conjunto como é “Itapagipe”, construída a partir de despojos da memória em torno da vida de um antigo bairro de Salvador, o leitor é aprisionado pelo mundo ficcional construído. Aprisionado e liberto, porque a ficção é um jogo que nos permite o retorno negado pela vida.

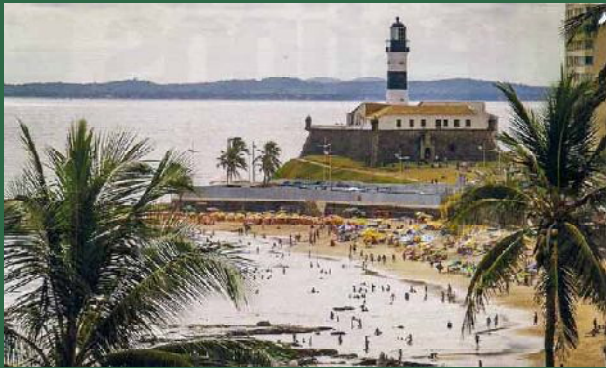
Destoante do conjunto – conforme foi dito a respeito desta história provinciana – porque, se as outras onze narrativas realizam na sua circularidade a estrutura do conto, “Itapagipe” é uma história tecida como se costurasse partes de um relato maior: como capítulos de uma novela que ainda não foi escrita.

O conto, como bem demonstram as histórias deste livro, é um mundo autônomo e completo, embora sintético. Na sua unidade lembra o ovo, célula única, porém plena de vida. Já a novela é um rosário de episódios unidos por um fio central que serve de elo entre os acontecimentos.

A assinatura perdida, de Aramis Ribeiro Costa, vale a pena repetir, é lida com prazer; condição primordial da literatura.

Independentemente da ressonância na mídia, avara para com os autores que começam a se impor, convém avaliar: estamos diante de um livro definitivo. De um dos melhores exemplares do novo conto brasileiro.

O elo perdido com o leitor. Artigo crítico sobre o livro *A assinatura perdida*, de Aramis Ribeiro Costa. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 16 mar. 98, p. 7.



Farol da Barra.



AS FÁBULAS DO COTIDIANO

O telefone dos mortos, de João Carlos Teixeira Gomes, é um livro que vem reafirmar um traço distintivo do autor: o domínio da escrita. Profissional do texto em suas múltiplas possibilidades, ele publicou os trabalhos iniciais ao lado de outros companheiros da chamada Geração Mapa. Com Glauber Rocha empreendeu as primeiras aventuras literárias, nos tempos do Colégio da Bahia e, depois, da Faculdade de Direito.

Convém lembrar que o resultado do início de uma aventura intelectual conjunta de Joca e Glauber permitiu ao primeiro escrever um livro que foi considerado a mais abalizada bio-

grafia do cineasta: *Glauber Rocha, esse vulcão*, recém lançado pela Nova Fronteira.

João Ubaldo Ribeiro, outro companheiro de juventude, diz que esse livro “não é apenas o mais importante e completo já escrito sobre a obra e a vida de Glauber Rocha. É também um extenso documento de época, baseado em pesquisa de tal modo abrangente que o transforma em inigualável fonte de informações para os estudiosos de nosso cinema – especialmente o Cinema Novo – e da cultura brasileira em geral.”

Profissional de palavra, empenhado em muitas frentes, tais como o jornalismo, a crítica literária, o ensaísmo, João Carlos Teixeira Gomes é também um escritor criativo. Sua aventura intelectual ganhou consistência no *Jornal da Bahia*, verdadeira escola de jornalismo informativo e de jornalismo cultural, por onde passaram também Glauber Rocha, Paulo Gil Soares, Florisvaldo Mattos, David Salles, João Ubaldo e quase todos os intelectuais baianos desta geração.

Essa equipe privilegiada aprendeu a reunir num mesmo contexto a objetividade, indispensável à informação segura, e a sensibilidade, necessária para construir sentidos paralelos ao mundo objetivo. Daí ter impulsionado dois saltos qualitativos: a construção de um jornalismo moderno na Bahia e a formação de artistas e escritores responsáveis por importantes vertentes da cultura brasileira.

Neste quadro, Teixeira Gomes ocupa lugar de destaque, conforme testemunho de João Ubaldo Ribeiro quando lembra da inquieta geração dos anos 50: “Glauber foi um grande amigo e João Carlos Teixeira Gomes continua sendo. Aliás, quando o conheci, ele não se apresentava com este nome grave, em redondilha de tons lusitanos. Era apenas o Joca [...], logo respeitado como crítico literário e poeta, e admirado como o bravo jornalista que sempre foi.”

Graças ao domínio seguro do texto (adquirido através de imprevistos exercícios diários, desde os tempos do *Jornal da Bahia*), ao se apresentar ao público leitor como contista,

Teixeira Gomes reafirma as qualidades já manifestadas como poeta e como crítico.

O *telefone dos mortos* (Nova Fronteira, 1998) dispõe vinte narrativas curtas em duas partes: “As verazes fantasias” e “As fábulas do quotidiano”. A primeira, com onze contos, constrói uma atmosfera absurda carregada de realismo fantástico.

O tom opressivo das verazes fantasias cria, às vezes, um timbre monocórdico e entediante que se quebra ao esbarrar em narrativas primorosas. O leitor que, pela primeira vez, adentra pelos largos e sinuosos corredores desta caverna de sonhos e pesadelos que é o mundo ficcional de João Carlos Teixeira Gomes, mesmo atordoado pelo ar rarefeito dos subterrâneos, tem a certeza de estar pisando num chão bem sedimentado, embora pródigo de areias e urzes fantásticas.

Na segunda parte do livro, o tom se modifica, a intromissão opressiva das sombras e dos fantasmas projetados pelas chamas do caldeirão de bruxo cede lugar às insólitas fábulas do cotidiano. Mas continua perceptível a melan-

cólica visão de mundo sustentada pelo autor; continua presente um certo pessimismo ou um incerto desesperar de quem pouco espera do tumultuado mundo dos homens.

“O dia era da caça”, o último conto da primeira parte traz uma fascinante alegoria reveladora do processo de criação literária, onde os deuses do cosmo são rivalizados por um outro demiurgo: o criador do universo do texto. O velho Sallábico, morto aos 84 anos por um dos seus personagens, é um arquetípico construtor de homens de papel e tinta. Nas suas sentenças estão definidos os destinos de homens e mulheres, a vida e a morte. O velho descobre que está em suas mãos de condutor da narrativa o curso da vida de um mendigo ou de um rico industrial. Como um deus perverso ele se compraz em distribuir benesses e malefícios. Ao riscar uma sentença e escrever outra, ele destrói toda uma vida de opulência, faz surgir uma doença mortal, um atropelo ou um acidente qualquer.

A segurança do ficcionista João Carlos Teixeira Gomes na construção do seu texto e

dos seus personagens revela um leitor dos clássicos brasileiros e estrangeiros do nosso tempo. A ironia cortante de Machado de Assis é retomada e renovada por um escrita pessoal que funde o sabor do passado com os ritmos do presente.

Na segunda parte de *O telefone dos mortos* destacam-se, entre outros contos, “O homem que enganou a morte” e “A morte no trapézio”, duas variações em torno do mesmo tema que costura as páginas do livro.

A primeira narrativa é uma espécie de reescritura moderna da impossibilidade do homem fugir aos desígnios dos deuses. Se os heróis da tragédia grega desenvolvem peripécias destinadas a alterar o destino revelado pelos oráculos – e cumprem, inconscientemente, o que estava escrito –, a tentativa burlesca de Caio Ferrão enganar a morte resulta num divertido esforço de vida. Mas as mãos invisíveis da morte terminam escrevendo o discurso da vida e colocando o ponto final no lugar pretendido.

“A morte no trapézio” é uma história construída com os elementos estruturais presentes nas narrativas que se tornaram clássicas pelo dom da permanência e da constante atualidade. Este conto dialoga, na mente do leitor, com a doce ironia das histórias curtas de Oscar Wilde e o relevo atribuído aos deserdados do amor.

Para concluir: o livro de João Carlos Teixeira Gomes é um apelo à sensibilidade e à perspicácia do leitor que sabe usá-las. Um livro para ser lido aos poucos, com o mesmo vagar e melancólica concentração com que foi escrito.

AS FÁBULAS DO COTIDIANO. Artigo crítico sobre o livro *O telefone dos mortos*, de João Carlos Teixeira Gomes. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 2 mar. 98, p. 7.



Casa do Comércio, um ícone da arquitetura baiana.



CONVERSA DE CHIFRE ENROSCADO

Houve tempo em que as aventuras do país grapiúna eram escritas à lâmina de fiação na mata virgem. As enxadas nas roças de cacau traçavam o destino de uma cultura. A riqueza parecia não ter fim, até que a bruxa varreu os ventos da pujança.

Destruída a economia cacaeira, abandonadas as léguas da promessa, as antigas aventuras vividas precisam continuar vivas. É assim que surge uma nova vertente literária renovando o filão aberto na literatura brasileira por Jorge Amado e Adonias Filho. Eles foram os narradores da construção de um mundo novo, do desbravamento das terras do sem fim. Mas

este mundo teima em viver, através da escrita de homens e mulheres que têm o umbigo enterrado numa cova de cacau.

Euclides Neto é um mateiro que aprendeu os caminhos do mundo pelos caminhos da roça. Estudou na cidade grande, viajou civilizações, percorreu os compêndios das leis, mas voltou logo para sua gente, onde saberes ancestrais o aguardavam. É neste espaço, ou melhor, ampliando este espaço, que ele constrói a sua obra de escritor. Os romances *Berimbau*, *Vida Morta*, *Os Magros*, *O Patrão*, *Comercinho do Poço Fundo*, *Os Genros*, *Machombongo* e *A Enxada* (são oito) dão testemunho das muitas coisas que ele tem para contar.

Como o seu texto de contador de histórias é uma roça de cacauzeiros resistente às vassouras-de-bruxa da crítica, ele pode ser abordado pela crítica; pode ter seus defeitos postos à luz da razão, porque as boas qualidades da escrita respondem aos eventuais defeitos.

Muito se fala da humildade e da modéstia deste escritor. Numa província de escreventes empenachados, Euclides Neto não desdenha

de uma opinião contrária, mas procura descobrir nela um desafio para novos voos.

Quando, numa destas leituras críticas, procurei levantar aspectos discutíveis no processo de construção do romance *Os Magros* (ver o artigo “Vozes sufocadas”, incluído no livro *Triste Bahia*) em vez de sentir-se ofendido, Euclides Neto estabeleceu um diálogo criativo e respondeu à provocação com a fábula redentora de *A Enxada*. Neste romance, carregado de otimismo, ele procurou compensar o pessimismo demasiadamente esquemático de *Os Magros*.

Como a questão dá panos para manga, incluí o estudo crítico da obra do autor num projeto de pesquisa desenvolvido nos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFBA. O primeiro trabalho de vulto sobre seus romances vem sendo realizado pelo jornalista Elieser Cesar, a quem propus tomar *Os Magros* como eixo da sua dissertação de mestrado.

Mas peço licença ao leitor para hoje dar notícia de um outro Euclides Neto: o lexicógrafo. Num livrinho útil e pioneiro, ele reúne

palavras e expressões correntes na região sul da Bahia. Como sabe que a televisão, com o prestígio da linguagem enlatada, mais dia menos dia, empobrecerá a língua falada no Brasil, quer deixar em letra impressa os inventos e usos da gente da terra. De um lado, as novelas e programas de TV impõem a linguagem dos estúdios aos falantes das mais diversas realidades. Do outro lado, as rádios FM tomam por locutor um papagaio de fala pasteurizada, desprovido de qualquer marca regional. No milênio que está próximo, o que restará da língua e da cultura tão ricas e diversificadas destes brasis? Em lugar do português surgirá, talvez, o *televisês*, ou o *comuniquês*; o dialeto predador da *mídia* – o exterminador do futuro.

Era preciso, portanto, que alguém iniciasse, no país do cacau, a tarefa de preservar o que hoje está virando peça de museu: o jeito, a fala da gente. Não se espante: o que você acabou de ouvir da boca do tabaréu, do homem da terra, já é coisa do passado, conversa de *cifre enroscado*. Na rede navega a nova linguagem.

Dicionareco das roças de cacau e arredores é o título do trabalho de sondagem, publicado

pelo Editus, Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz (que, com todo respeito à Santa Cruz, bem poderia se chamar Universidade Estadual Grapiúna).

Como o artista abre caminhos e antecipa os movimentos da tropa, sem ser especialista, Euclides Neto está *dando de lambujem* (ver o *Dicionareco*) aos professores de linguística do português da UESC o chute inicial de possíveis trabalhos acadêmicos. Daqui a vinte, trinta, cinquenta anos, pesquisadores do dialeto grapiúna tomarão este livrinho como *vade mecum*, como testemunho autorizado de uma época.

Por enquanto, o *Dicionareco das roças de cacau e arredores* serve de guia para a leitura dos escritores da região, especialmente para nós, admiradores da escrita mateira, *de-pica-do-a-largo* de seo Ocride.

Conversa de chifre enroscado. Artigo crítico sobre o livro *Dicionareco das roças de cacau e arredores*, de Euclides Neto. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 2 fev. 98, p. 7.

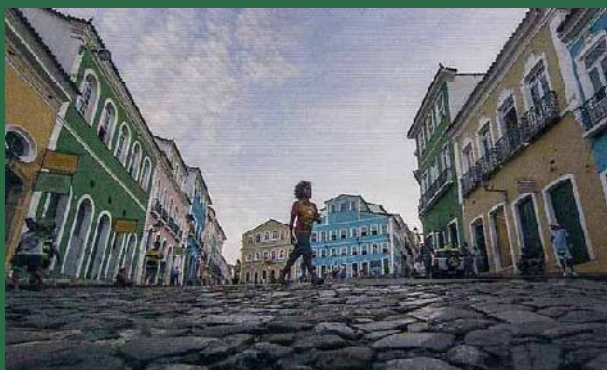


Imagem do Pelourinho. No fundo a Fundação Casa de Jorge Amado, em azul.



A CRÍTICA DE DAVID SALLES

A atividade crítica exercida em jornais baianos, desde o início do século, revela, a um só tempo, o nível da produção literária local e o gosto da província no que diz respeito à recepção de obras nacionais e estrangeiras.

Com o declínio do hábito de leitura entre a população do nosso estado, os jornais também reduziram os espaços dedicados à discussão de livros. Observe-se que as resenhas literárias, sejam elas resenhas críticas ou informativas, funcionam como um termômetro do nível de leitura de um povo.

Nos países onde o hábito de leitura é comum, mesmo entre as populações que vivem

afastadas dos centros urbanos, não somente os jornais, mas as emissoras de rádio e de televisão mantêm programas sobre acontecimentos científicos e culturais, livros e outros assuntos. Nos mesmos horários, no Brasil, são transmitidos programas de grande audiência, mostrando brigas entre vizinhos, xingamentos entre casais, deformidades e aberrações midiáticas que servem de termômetro para medir o nosso gosto e o nosso estágio mental.

Países europeus menos desenvolvidos, como Portugal, onde a atividade rural familiar apenas supre a sobrevivência, também cultivam o hábito de leitura. A rádio e a televisão portuguesas contratam renomeados intelectuais para apresentar programas de alto nível formativo e informativo.

É evidente que, no Brasil, isto seria um grande fracasso comercial. Nenhuma emissora deixaria de colocar no ar “bem sucedidos” campeões de audiência apelativa e escandalosa para produzir um programa discutindo fatos e ideias com Antonio Houaiss, Jorge Amado, João

Ubaldo Ribeiro ou qualquer outro intelectual, por mais respeitado e famoso que seja.

Os temas de interesse do nosso país são evidente e infelizmente outros.

Mas nem tudo está perdido. De forma isolada, aqui e ali, os jornais ainda publicam textos sobre literatura. A *Folha de S. Paulo* traz excelentes artigos no caderno “Mais”, O *Estadão*, mesmo tendo suprimido as três páginas de sábado sobre literatura, ainda publica bons textos. Isto sem falar em suplementos literários publicados na Bahia (*A Tarde Cultural*), no Rio Grande do Sul e no Ceará, todos nacionalmente conhecidos.

No caso baiano, convém lembrar uma tradição criada pelo jornal *A Tarde*. Independentemente dos suplementos literários, este jornal abrigou em suas páginas conhecidos “rodapés de crítica” que entraram para a história da literatura.

Na primeira metade do século XX, Carlos Chiacchio publicou, de 1927 a 1946, a coluna “Homens e Obras”, com fortes implicações no modernismo regional. Chiacchio foi substitu-

ído por Heron de Alencar, professor universitário que publicou artigos de crítica literária em *A Tarde*, embora sem a constância do seu antecessor.

Coube a David Salles dar continuidade a esse trabalho, assinando as colunas “Crítica de Rodapé”, de periodicidade semanal, e, logo em seguida, “Enfoque da Crítica”, de publicação quinzenal.

Antes de ter sido convidado, nos anos 70, pelo jornalista e historiador Jorge Calmon, para fazer crítica literária em *A Tarde*, David Salles publicou no *Jornal da Bahia*, onde se iniciou no jornalismo, ao lado de companheiros de geração, como Glauber Rocha, João Carlos Teixeira Gomes, João Ubaldo Ribeiro e outros.

Convém lembrar que essa geração se dividiu entre o jornalismo, a literatura e o cinema, tendo sido responsável, não apenas pela renovação do jornalismo baiano quanto da arte brasileira.

O trabalho crítico de David Salles, escritor falecido em 1986, aos 48 anos, vem sendo res-

gatado em pesquisa da professora Itana Nogueira Nunes, da UNEB. Como parte dos seus projetos de mestrado e doutorado, sobre nossa orientação, Itana procedeu ao levantamento dos textos dispersos de David Salles na imprensa baiana e em jornais como *O Estado de S. Paulo* e o *Minas Gerais Suplemento Literário*, com os quais colaborou.

Os textos de crítica de David Salles poderão ser reunidos em livro, para que não se percam, dispersos como estão, em fontes de difícil consulta. Por outro lado, alguns deles serão publicados neste espaço, a partir da próxima semana. Destas publicações, surgirá o primeiro volume de obras críticas de David Salles que, em breve, estará pronto para encaminhamento a um editor.

Espera-se que, desde a organização dos originais até a aceitação por parte de um editor, não se passem muitos anos, como os que se passaram desde a morte de David que, além da sua crítica de jornal, deixou inéditos alguns outros livros.

Como, em decorrência de compromissos profissionais na universidade, estarei afastado da coluna “Leitura Crítica” até o início do próximo ano, a publicação dos textos de David Salles emprestará mais densidade e inquestionável nível intelectual a este espaço. Trata-se de uma dupla homenagem. Homenagem à memória do crítico e escritor David Salles. Homenagem à sensibilidade e ao bom gosto do leitor de *A Tarde*.

A CRÍTICA DE DAVID SALLES. Artigo sobre a atividade do autor da seção “Crítica de Rodapé”. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 9 nov. 98, p. 7.



UM INVENTOR DE VIDAS E LUGARES

No livro *Jaú dos bois*, Aleilton Fonseca reúne segredos do contador de histórias, e artifícios da boa escrita.

Formas literárias curtas, como o poema e o conto, são frequentemente escolhidas por parecerem mais fáceis de se escrever. Na verdade, elas são menos “trabalhosas”. Um poema de catorze versos ou um conto de uma ou duas páginas exigem um volume de trabalho menor do que um romance de duzentas páginas. Mas isso não quer dizer que as formas menores sejam menos fáceis de executar.

Compare essas atividades com o exercício de pintar uma paisagem na superfície de uma

porta e de pintar a mesma paisagem numa caixa de fósforos. A primeira exigiria mais “trabalho”, mais tinta, mais esforço físico, sem ser, necessariamente, mais difícil do que o segunda tarefa. Nesse caso, o trabalho só poderia ser medido comparando dois valores diversos: quantidade e qualidade.

Quem imagina que o trabalho de um neurocirurgião, ou de um ourives, é mais fácil do que o trabalho de um carpinteiro ou de um concreteiro de vigas, ao fazer uma ponte de grande extensão, também preferirá escrever contos e poemas em vez de romances. É o que ocorre com frequência: centenas de concreteiros publicam seus livros usando as fôrmas que lhes parecem menos trabalhosas.

Poucos são os que escolhem as formas curtas por inequívoco pendor pelo trabalho concentrado, denso, preciso e exigente. Entre esses estão os mestres do conto e do poema de ontem de hoje.

Guimarães Rosa trabalhou as narrativas de *Sagarana* por cerca de vinte anos. Bilac exigia para o verso a construção do ourives. Pessoa rescreveu os seus poemas por trinta anos a fio,

a procura de uma forma menos transitória. Torga morreu com mais de oitenta anos rescrevendo os contos da juventude, retocando aqui, tirando ali, acrescentando adiante.

Mas há também escritores estreantes que começam com qualidade, tomando por base a análise da experiência dos autores que lhes antecederam. Eles leem, releem, desleem aqueles que vieram primeiro, tirando lições e vencendo etapas.

É o caso de Aleilton Fonseca, poeta e ensaísta que faz sua primeira incursão pelo conto em *Jaú dos bois*. A obra foi vencedora do Prêmio de Literatura 1996 da Fundação Cultural do Estado da Bahia e publicada em coedição com a Relume Dumará.

Trata-se de um livro pequeno; são apenas 52 páginas compreendendo cinco narrativas. Quatro delas, “O avô e o rio”, “O sorriso de estrela”, “O casal vizinho” e a última, que dá título ao volume, estão ligadas por um apelo unitário: a marca telúrica. Pessoas, costumes e paisagens da terra – de uma região que pode ser a do autor como pode ser também a terra inventada pelo desejo de qualquer leitor – com-

põem o suporte dessas quatro histórias. Embora se passem em lugares diversos, a atmosfera é a mesma; o clima ameno de sonho e imaginação perpetuados na memória. Já o conto “Amigos, amigos”, por ordem de inserção, o quarto do livro, é uma história transcorrida mais no interior da alma e menos naquele interior do país que todos estamos perdendo; e resgatando na ficção.

A unidade de espaço imaginário criada pelas quatro narrativas do livro ambientadas no interior estabelece uma cumplicidade entre leitor e narrador. Isto faz com que os novos acontecimentos, que nos aguardam a partir da leitura da primeira história, tenham, ao mesmo tempo, sabor de reencontro e de surpresa.

Os personagens dos contos de *Jaú dos bois* são gente de papel com sangue de tinta e ossatura imaginária, gente saída da ficção que mais parece feita de carne e osso, porque fala, anda e sente com verdadeira naturalidade.

Perplexo, o leitor descobre que as figuras que saltam das palavras escritas nesses contos de Aleilton Fonseca têm alma. Seus sentimentos e emoções ultrapassam o espaço ficcional

e invadem o espaço civil do leitor, derramando uma mesma nuvem de humanidade e de solidária maneira de construir a vida.

O contraditório disso tudo é que entramos no mundo ficcional dessas histórias, conduzidos pela força de verdade e de existência do fabulado, ao mesmo tempo em que somos tocados pela marca indelével do trabalho artesanal da escrita. De um lado, vivemos a vida dos personagens e, do outro, percebemos o apuro da construção, o vigiar constante da trama, do texto, onde cada palavra é pesada, medida e lançada ao espaço da ficção, plena de sentido.

A prosa de Aleilton não se esparrama pelo papel em branco como planta do mato; ela é cuidada, cultivada; cada ramo segue a direção pretendida pelo jardineiro; cada folha nasce no lugar preciso para formar um todo harmonioso e revelador. As personagens colhidas em pleno desempenho dos seus papéis, papéis às vezes rudes, são transpostas da terra agreste de onde brotaram para serem inseridas nesse espaço cultivado, onde o jardineiro quer conduzir o movimento do nosso olhar.

O contista Aleilton Fonseca sabe juntar a profusão de sentimentos vivos do seu universo ficcional num espaço definido e preciso: o espaço da escrita, pondo as palavras a serviço do seu dizer. Nenhum gesto de personagem se perde dos olhos, nenhuma palavra se perde do ouvido, tudo conduz ao ponto indicado pela mão do escritor.

Ao publicar um livro avaro, breve, espremido no tamanho, o autor teve a preocupação de se revelar contista demonstrando o domínio da escrita. Por isso ele é lido com vivo interesse por qualquer leitor; e com prazerosa admiração pelo leitor mais exigente e atento. A definição mais adequada que encontro para a singular reunião de contos de Aleilton Fonseca é esta: um pequeno grande livro.

UM INVENTOR DE VIDAS E LUGARES. Artigo crítico sobre o livro *Jaú dos Bois* de Aleilton Fonseca. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 27 jul. 98, p. 7.



A POESIA DO DECANO

Bráulio de Abreu, aos noventa e três anos de idade, é o decano dos poetas baianos. Como nos tempos de antanho se dizia que antiguidade é posto, o decanato da poesia é a láurea deste velho remanescente de um dos muitos movimentos e grupos literários que enriqueceram a inquieta Bahia no início do século XX.

Bráulio de Abreu e Nonato Marques são os dois últimos sobreviventes do grupo responsável pela publicação da revista *Samba*, surgida em 1928. Declaradamente modernista, mas essencialmente conservadora, com traços parnasianos, a revista trazia no seu primeiro número um editorial de Alves Ribeiro fazen-

do apologia do modernismo. Como, mesmo assim, o espírito moderno não baixasse nos colaboradores de *Samba*, o terceiro número, datado de fevereiro de 1929, trazia a proibição de receber poemas em forma de soneto.

Como uma escola literária não se caracteriza apenas através das fôrmas, mas, principalmente, a partir da substância das suas ideias, apesar do título da revista estar em consonância com os vários “modernismos” regionais surgidos nos fins da década de vinte, o grupo idealizador de *Samba* continuou embebido nas convicções parnasianas e ornamentais da literatura palavrosa então em voga.

É sintomático o fato de um dos seus destacados integrantes, Nonato Marques, ter abandonado a designação natural que identificava o grupo com a revista, para sugerir a expressão “os poetas da Baixinha”. Assim, aquele que se tornou o responsável pela divulgação e pela fixação histórica da contribuição dos seus companheiros, preferiu uma designação menos comprometida com a inquietação modernista da época.

Era em torno das mesas do “Café Progresso”, na Baixa dos Sapateiros, que se reunia o grupo formado por Elpídio Bastos, Deocleciano Martins, Nonato Marques, Oto Bittencourt Sobrinho, Souza Aguiar, Bráulio de Abreu, Alves Ribeiro, Clodoaldo Milton, Antonio Donatti, Pereira Reis Jr., Egberto Ribeiro, Anfilófilo Brito, Queiroz Júnior, Zaluar de Carvalho, Raimundo Penafort, Ângelo Gomes da Costa, Aníbal Rocha e Samuel de Brito Silva (o Guarda 85).

Quando o poeta satírico Pinheiro Viegas passou a integrar a confraria, a convite de Nonato Marques, o centro constelar do grupo deslocou-se da figura do Guarda 85 para o irreverente Viegas. Segundo Cid Mascarenhas, em palestra proferida no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Pinheiro Viegas “com seus epigramas venenosos e comentários chistosos, verdadeiras verrinas, foi afastando os componentes da então coesa turma”.

Na mesma época, um outro grupo formava a chamada elite intelectual da cidade. Os jovens Pinto de Aguiar, Hélio Simões, Carvalho

Filho e Eurico Alves, com o apoio do crítico Carlos Chiacchio, fundaram a revista *Arco & Flexa*. Por vinculações sociais e intelectuais, os integrantes desse pequeno núcleo mantinham laços de amizade com Godofredo Filho, Afrânio Coutinho, Eugênio Gomes, Jorge Amado e outros jovens baianos de então.

Os “poetas da Baixinha” continuaram à margem desses bem sucedidos jovens. Como constata Nonato Marques, nenhum dos Poetas da Baixinha entrou para a Academia de Letras da Bahia, instituição que funciona como uma espécie de termômetro da elite intelectual.

Bráulio de Abreu só foi notado ocasionalmente. Primeiro, por Arthur de Salles, que, segundo o já citado Cid Mascarenhas, teria lido, após ouvir a declamação de alguns poemas: “A sua obra está à altura da minha”.

Mas foi somente em 1980, quando Antonio Loureiro de Souza, no seu discurso de recepção ao acadêmico Clóvis Lima, leu um soneto de Bráulio de Abreu, que o mundo acadêmico tomou conhecimento da poesia desse

velho e humilde alfaiate. Renato Berbert de Castro convidou-o para uma das célebres tertúlias da sua casa. Lá, Bráulio leu sonetos para o anfitrião e seus convidados Hélio Simões, Jorge Calmon, Jayme de Sá Menezes, José Silveira, Erthos Albino de Souza, Thales de Azevedo, Carlos Eduardo da Rocha, Luis Henrique Dias Tavares, José Calasans e Loureiro de Souza.

Com a aprovação dos presentes, Berbert de Castro encarregou o professor Loureiro de reunir os poemas de Bráulio de Abreu num livro a ser publicado pelo Conselho Estadual de Cultura. Antonio Loureiro não só organizou o livro como escreveu uma longa introdução. Dezesseis anos depois o trabalho continuava inédito, tendo agora a Fundação João Fernandes da Cunha propiciado a sua publicação.

Alma profana é portanto o livro de estreia desse veterano da poesia baiana, que somente aos 93 anos de idade chega ao público através de um livro ostentando seu nome na capa. Bem verdade que ele não é inédito. Aparece em jor-

nais e revistas, em estudos literários e principalmente em antologias como *Apóstolos do sonho*, onde doze sonetistas como Clóvis Lima, Ivan Americano, João Muniz, Carlos Benjamin Viveiros e Nathan Coutinho compõem com doze peças cada um; *Coletânea de poetas baianos*, organizada por Aluísio de Carvalho Filho; *Os mais belos sonetos brasileiros* etc.

Nesse livro, *Alma profana*, de Bráulio de Abreu está reunida uma parte substancial da sua produção, onde o soneto de inspiração parnasiana deixa, às vezes, escorrer da fôrma o “sentimento do mundo” manifestado pelo decano dos poetas baianos. É precisamente nos instantes em que a versificação é sobrepujada por um halo de vida que a poesia se deixa plasmar em raios de luz.

A POESIA DO DECANO. Artigo crítico sobre o livro *Alma profana*, de Bráulio de Abreu. Salvador, Fundação João Fernandes da Cunha, 1996, 192 p. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 11 nov. 96, p. 7.



SOMBRAS DE PALAVRAS

Elieser Cesar vem aos poucos construindo uma obra literária sustentada na inquietação e na procura de meios expressivos para de dar forma a todas as histórias que habitam o mundo das sombras, à espera de um corpo de palavras capazes de transitar no mundo dos homens. Sua estreia se deu em 1989, quando publicou pela Editora Contexto *O azar do goleiro*.

Além de escritor, Elieser Cesar é jornalista. Suas duas ocupações são contíguas, como casas separadas por parede meia. De um lado, as palavras do dia a dia que lhe dão sustento; do

outro lado, as palavras domingueiras que são seu culto, sua religião.

Não tenhamos dúvida de que todo jornalista treinado para escrever com clareza e sem empolamento já venceu um dos principais obstáculos postos no caminho do escritor – o dizer enfeitado. Muitos beletristas imaginam que fazer literatura é maquilar a escrita, escondendo as dobras da pele. Que escrever bem é enfeitar as frases com penduricalhos, fazendo do texto uma luminosa e feérica árvore natalina de gosto *nouveau riche*.

Dessa forma, o estilo de muita gente é pedante e afetado. Desde a revolução burguesa que propiciou a eclosão do romantismo como expressão adequada a uma classe em plena ascensão, os escritores passaram a se preocupar com a simplicidade, pondo em prática a teoria dos arcades. Se um dia a eloquência foi comum aos bacharéis e aos escritores, de um dia para outro os artistas deixaram para os bacharéis a palavra togada e solenemente posta em sapato alto. Pegue a eloquência e torça-lhe o pescoço – já se disse, para o espanto dos pedantes.

Mas a toda hora os trajes de gala são tirados do armário. Vira e mexe, o cultismo ataca. É o que se dá com os chamados “pós-modernos”. Escrevem coisas que não são feitas para serem compreendidas, mas para serem contempladas. E o estilo “pós-moderno” (sempre entre aspas) faz escola: muitos escritores de talento cedem à tentação de *parecerem* do seu tempo. Há ficcionistas que cultivam o discurso reluzente e esquecem aquilo que tinham para contar ao outro quando resolveram escrever. Entre dizer as velhas verdades de sempre (afinal de contas, é o que faz todo mundo, mesmo quando o faz de outra forma) e tentar ser original, preferem tentar o que não conhecem. A pós-modernidade atrai os pretensos literatos, como insetos em busca da luz. Mas ninguém precisa se esforçar para ser contemporâneo de si mesmo. Só os mímicos. E os tolos.

Jorge Amado, vez por outra, dá um mesmo conselho a quem merece compreendê-lo: para ser escritor, simplesmente escreva; diga com simplicidade o que tem para dizer. Não tente

fazer “literatura” porque o resultado será literatice.

Penso que foi mais ou menos isso que o ouvi dizer, certa feita a um amigo que me levou pela primeira vez à casa do escritor, no Rio Vermelho. Ou foi isso que entendi depois que li algumas vezes a síntese do seu modo de pensar o trabalho de qualquer ficcionista.

Essa busca de simplicidade que norteou os escritores brasileiros empenhados no chamado romance de 30, se fez sentir nas redações de jornais. Lembre-se que na mesma época muitos escritores procuravam o jornal como meio de sobrevivência. Bons escritores, como Drummond, Graciliano, Rubem Braga fizeram da escrita jornalística sua profissão e sua escola. Ao contrário dos subliteratos, eles não queriam fazer “literatura” nos textos jornalísticos. Queriam apenas usar sua escrita como meio de vida. A mesma técnica, a mesma precisão foi transposta para o jornal. Isso não aconteceu apenas aqui, mas em outros países. Escritores de estilo direto, desempolado, tornaram-se figuras nucleares nas redações de

jornais. Editavam, reescreviam matérias, enfim, impunham um novo estilo.

Não é de estranhar, portanto, a facilidade com que hoje bons jornalistas se tornam escritores. Seguem o exemplo de Nelson Rodrigues, Otto Lara Resende, José Cândido de Carvalho, Carlos Heitor Cony, Herberto Sales, Assis Brasil e uma centena mais. Ou ainda: fingem fazer ficção quando escrevem aquilo que viram. Algumas grandes reportagens em forma de biografia são disputadas pelas principais editoras, agradando tanto quanto um romance.

Mas o que isso tem a ver com o livro de Elieser Cesar, que é o tema deste artigo? Tudo. Quero dizer que o autor de *O escolhido das sombras e outras histórias* não precisa de malabarismos verbais. Ele simplesmente sabe escrever. Por isso suas histórias são lidas com prazer e proveito. Especialmente, quando falam de coisas comuns, desses pequenos tesouros do cotidiano de todos nós que, às vezes, deixamos de perceber quando vivemos e só

percebemos ao ler o vivido por outros viventes menos desatentos.

O volume é constituído por sete contos e uma novela, “As sombras luminosas”, que dá título ao livro. Dois desses contos, “O trono do desenganado” e “O primeiro carnaval de Luciano” foram premiados. Mas o último, embora distinguido por uma comissão julgadora, parece, às vezes, ceder à tentação dos esquemas intelectuais. O personagem central é apresentado desse modo; ele pensa e age como um intelectualzinho modelo *standard*. Seus imaturos conflitos não chegam a sensibilizar o leitor.

Por falar em esquematismo, o apelo à intertextualidade, ou a citação de versos de Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Drummond, Castro Alves e Ferreira Gullar na ficção de Elieser Cesar funcionaria de forma mais natural sem o recurso acadêmico das notas de referência, ou de pé de página. Se o autor vê necessidade de identificação das fontes, basta fazer isso no fim do volume, transcrevendo o trecho original acompanhado da referência bi-

bliográfica. Quando a identificação se dá no âmbito da narrativa, somos despojados da condição de personagens-visitantes ou de hóspedes de um mundo de ficção. Somos jogados de volta às convenções do mundo palpável e civil, com idade, horário, óculos e bigode. Perdemos então a invisibilidade das ondinas e dos ventos marinheiros, dos quais Ruy Espinheira Filho faz segredo e nos fala como coisas sagradas.

Os momentos menos convincentes do livro são aqueles em que o autor tenta fazer literatura. Aqueles em que o gosto pelo erudito, pelo livresco, ou, ainda, pelo insólito, sobrepõe o uso dessa última categoria que, na verdade, é apenas um dos aspectos da realidade humana. Quando o fantástico irrompe para mostrar o quanto insólito é o mundo em que vivemos, ele funciona melhor. Vejam-se as sombras no mundo crepuscular de um incerto Rubaldo Serese. Essas sombras não nos incomodam, como não incomodam ao protagonista, porque surgem de uma necessidade expressiva da narrativa.

No mais, saímos das histórias de Elieser Cesar com a vontade de retornar a outros sítios do seu invento. E isso não é pouco. É o que todo escritor almeja: conquistar leitores.

SOMBRAS DE PALAVRAS. Artigo crítico sobre o livro *O escolhido das sombras e outras histórias*, de Elieser Cesar. Salvador, BDA, 1996, 126 p. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 27 jan. 97, p. 7.



AS CHAMAS DA MEMÓRIA

Gláucia Lemos, escritora que tem público cativo e alguns livros que alcançaram reedições, publicou no ano passado o romance *As chamadas da memória*. As obras que tornaram a autora conhecida nacionalmente foram todas publicadas por editoras de São Paulo. Com nome reconhecido pela crítica e pelos leitores, a escritora publicou esse seu novo romance por uma editora de Salvador, a BDA. Infelizmente, o livro não teve a repercussão equivalente à sua qualidade, refletindo assim o contraditório e indigente panorama editorial baiano.

Os livros aqui publicados permanecem inéditos! (O sinal de exclamação vai bem à frase.) Se o autor quer conquistar um lugar visível no panorama literário tem que publicar em São Paulo, no Rio, em Belo Horizonte ou em Porto Alegre, nunca na Bahia. Dita assim, a sentença soa pessimista, mas confrontada com os fatos aparece como um relato fiel.

É verdade que em Salvador muito se publica. Mas pouco se lê. Passados os meses das férias e das festas temos dois ou três lançamentos por semana, o que nos aproxima de uma metrópole intelectual. O problema é que a maior parte das publicações é de iniciativa do autor, não passando pelo controle de qualidade (ou de falta de qualidade) do mercado editorial. Tal mercado associa um mínimo de predicados com a pronta aceitabilidade por parte do consumidor, sendo esse último o item preponderante.

Como o livro do autor baiano com impressão paga pelo mesmo foge deste circuito, todo livro publicado na Bahia é tratado pelos distribuidores e livreiros como mercadoria invendá-

vel e relegada às prateleiras mais escondidas das lojas.

Mesmo quando instituições prestigiosas adotam um programa editorial, seu produto tem o mesmo destino do livro impresso para atender à vaidade do autor. A *midia* também não faz nenhuma distinção, dando às vezes um relevo indevido a publicações insignificantes e tratando com indiferença autores que merecem especial respeito.

Por isso, publicar em Salvador é, às vezes, o mesmo que deixar o livro inédito. Essas reflexões surgem a propósito de *As chamas da memória*, romance que recebeu, no Rio de Janeiro, o *Prêmio Graciliano Ramos* da União Brasileira de Escritores mas, como foi publicado na Bahia, não teve uma receptividade equivalente aos seus méritos.

Dito isto, deixo claro, desde já, o resultado da impressão favorável causada pela leitura das cento e poucas páginas do trabalho de Gláucia Lemos. Romance enxuto, quase uma pequena novela, com um fio temático centrado num episódio crucial da vida da protagonista e nar-

radora, seu enredo abre espaço apenas para pequenas tramas subsidiárias, sinteticamente desenvolvidas, estruturando assim a forma de romance. A surpresa do leitor fica por conta do grande *flashback* que só é percebido como tal no desfecho da narrativa, justificando plenamente o título do livro.

Uma queimada à beira da estrada desentranha das suas chamas lembranças e cicatrizes da memória, de onde surge o painel de insatisfação da mulher perante o casamento. As personagens femininas do livro são todas elas figuras marcadas pela opressão de relações conjugais injustas, onde o papel da mulher continua sendo o mesmo atribuído pela sociedade burguesa do século XIX: cultivar prendas e enfeitar-se para o marido.

Mas o bom do livro é que, ao tratar do conflito homem-mulher, o tratamento não derrapa no discurso ressentido de um feminismo que se confunde com androfobia. A narradora vê os fatos com olhos turvados, mas equidistantes, e constrói o conflito das personagens como forma de rever os conflitos das pessoas

reais. Daí a sua eficácia e a sua natureza primordialmente artística, onde a obra não está a serviço de causas e movimentos circunstancialmente em alta na bolsa de valores da moda, mas da própria condição social da mulher e do ser humano.

Existem livros claramente engajados às causas políticas, religiosas, minoritárias etc. São obras que ficam a meio caminho entre a literatura e a retórica, isto é, o discurso persuasivo. Algumas outras ultrapassam as circunstâncias dos indivíduos que as produziram e se inscrevem no gênero de obras da humanidade, para além das diferenças. Mas isso não impede que elas desempenhem um papel de críticas severas das estruturas restritivas da plenitude do sujeito. Muito pelo contrário. Molière, Gil Vicente, Shakespeare, Dostoievski, Jorge Amado e muita gente sem o mesmo prestígio realiza obras a serviço da felicidade humana.

É isso que separa a Literatura, enquanto arte, da “literatura” doutrinária, mais próxima dos tratados e discursos conceituais do que da arte da ficção. Uma tênue fronteira – é verda-

de. Tão sutil que muita gente chama de literatura a tudo aquilo que se escreve ou publica. Fala-se em *revisão da literatura* no sentido de revisão da bibliografia, em *literatura científica* para designar tratados de ciência.

Desse modo, o escritor é todo sujeito culto que transmite seu saber através do texto. Mas nem todo escritor faz Literatura, arte da palavra.

Gláucia Lemos é uma escritora com lugar assegurado na Literatura do seu povo. Sua escrita – cuidadosamente urdida, onde o domínio do dizer transforma as conflituosas facções do pensamento em admiráveis ficções – realiza construções sóbrias e plenas de encantamento. Como lemos no romance *As chamas da memória*.

AS CHAMAS DA MEMÓRIA. Artigo crítico sobre o livro *As chamas da memória*, de Gláucia Lemos. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 17 mar. 97, p. 7.



TEMPESTADE DE IDEIAS

O título desse livro não dá, por si mesmo, a medida da profundidade e da seriedade dos ensaios reunidos por João Carlos Teixeira Gomes numa obra que é uma das mais importantes contribuições ao estudo da literatura brasileira. O ensaísta adota, na maioria dos trabalhos, o método comparativo como instrumento de conhecimento da nossa literatura e como ponto de partida para reavaliação dos textos.

Estudioso maduro, senhor de um sistema de conceitos já sedimentados, o autor do livro tanto pode trazer contribuições originais quanto retomar temas já estudados com insistên-

cia, porque o seu enfoque se sustenta numa reflexão bem fundada e consequente, emprestando aos velhos temas feições revistas e capazes de estimular o debate frutífero.

Não tenho dúvida de que Teixeira Gomes é hoje o estudioso baiano que tem trazido contribuições mais valiosas à Literatura brasileira. Nesta terra de muita fama – ou de muita fala e pouca escrita (ou, pelo menos, pouca publicação) – dois livros de Teixeira Gomes tornam-se consulta obrigatória para os temas tratados. *Gregório de Mattos: Um estudo de plágio e criação intertextual* é o livro mais completo e mais instigante sobre o “Boca de Brasa”, até agora publicado. A adoção do enfoque comparado e a abordagem da intertextualidade inserem os estudos gregorianos no bojo das preocupações mais atuais, sem que isso represente um modismo, mas uma forma de redimensionar uma tradição e entendê-la a partir de um discurso sintonizado com o pensamento do nosso tempo.

Não esqueçamos que antes de se tornar tema recorrente do empolado discurso acadêmico de grau, a intertextualidade é ela mesma

a base da literatura ocidental na sua tradição greco-latina. A poética clássica latina tinha como preceito maior o estabelecimento de um ponto de trânsito constante dos modelos gregos. A partir daí o processo intertextual domina a literatura europeia, reassumindo o compromisso clássico a partir do século XVI.

Teixeira Gomes compreende o nosso barroco com base nas noções fundamentais de intertextualidade e de uma perspectiva segura da Literatura Comparada, estendendo o olhar a outros momentos literários.

O segundo livro fundamental é esse *A Tempestade Engarrafada*. Deve-se mesmo lamentar o fato dos estudos de Teixeira Gomes não saírem por uma editora de circulação nacional. Apesar da boa intenção dos órgãos oficiais de cultura, esta é uma série provinciana em quase todos os sentidos. O selo que identifica a coleção traz os dizeres: “As letras da Bahia. Terra da cultura e da alegria”. Já a partir da sua identificação o selo sugere propaganda turística de show folclórico ou de barraca de cangaço.

Os sulistas têm um apurado preconceito contra os baianos e algumas de nossas gaiatices. Uma riminha besta como esta que órgãos do quilate da Fundação Cultural e da Secretaria de Cultura e Turismo encontraram para encastoar vistosamente no frontispício dos seus livros nos expõe ao riso e à galhofa.

A coleção tem um conselho editorial formado por pessoas altamente qualificadas, mas certamente esse conselho não foi consultado a respeito do “slogan” folclórico. Intelectuais como Florisvaldo Mattos, Hélio Pólvora, Pedro Moacir Maia e os outros que integram o conselho (desconheço todos os nomes) não aprovariam baboseiras semelhantes. O bom gosto e o bom senso dos conselheiros é notório. Se alguma autoridade da área de cultura costuma ler seções de cultura nos jornais que leve o recado ao Diretor da Fundação ou ao Secretário de Cultura: Ainda é tempo de tirar esta baboseira do frontispício dos livros! Todos os autores publicados na série temos vergonha dessa gaiatice que em nada recomenda um livro.

Por outro lado, o esforço louvável dos senhores Paulo Gaudenzi, José Augusto Buriti e Tasso Franco em publicar uma coleção de temas baianos poderia ter melhores consequências se os livros circulassem nacionalmente, ultrapassando os limites provincianos. Sabemos que o serviço público não tem condições de por os livros nem mesmo nas livrarias do nosso estado. Um convênio com uma editora de distribuição nacional (elas estão sediadas em São Paulo ou mesmo no Rio) resolveria o problema.

Um livro como esse de João Carlos Teixeira Gomes nos leva a lamentar que a coleção “As Letras da Bahia” *imprima mas não publique* seus livros. Publicar é tornar público, tornar acessível. A EGBA cumpre a sua parte, imprimindo os volumes. É preciso que eles sejam publicados, distribuídos, nacionalmente.

Retomando a análise do livro, o estudo que dá título ao volume de Teixeira Gomes busca um confronto entre aspectos da obra e da vida de Alfonsina Storni com Florbela Espanca, tomando o excesso de emoção que a palavra

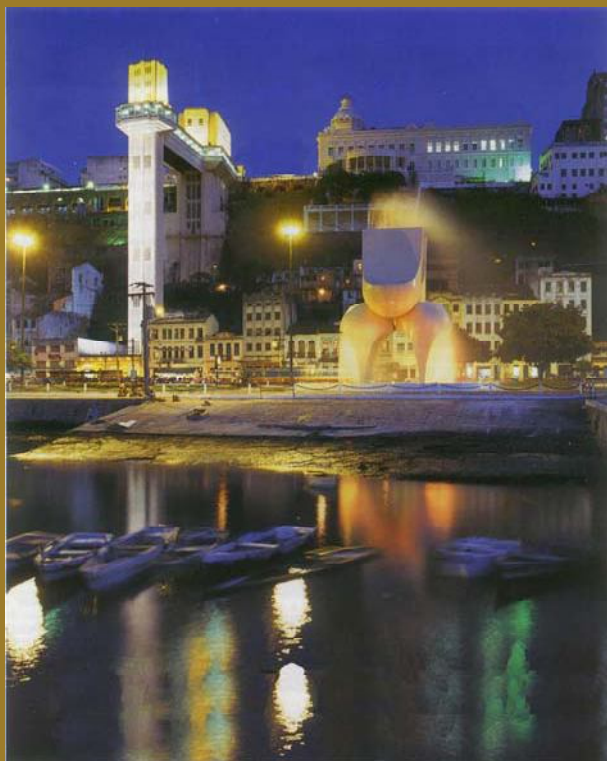
de uma e de outra poeta condensa para fazer explodir na leitura. São ao todo onze estudos, alguns particularmente importantes, como “Literaturas-emissoras e literaturas-receptoras”, texto que se propõe a corrigir antigos preconceitos impostos pela ideologia do pessimismo, segundo os quais a nossa produção literária da época colonial seria um apêndice menor da literatura portuguesa. Teixeira Gomes parte da literatura comparada para demonstrar como algumas obras da antiga colônia estabeleciam um diálogo vivo com as literaturas emissoras mais expressivas. Ele demonstra, inclusive, que em muitos períodos a literatura portuguesa foi apenas um veículo, um canal intermediário entre os emissores de modelos literários e o processo de formação da literatura brasileira.

“Presença do mito na formação da literatura brasileira”, “Magalhães e os caprichos da fortuna literária” e “Um romance indianista esquecido” são ensaios que retomam pontos da maior importância, ora pelo objeto estudado em si – como é o caso do primeiro ensaio –

ora por demonstrar como as circunstâncias de um momento histórico passado determinam, a partir de preconceitos que se projetam no futuro, a teia que ainda hoje sustenta nossa visão histórica da literatura brasileira.

Evidentemente, por abordar temas diversos e problemas múltiplos, o livro de Teixeira Gomes não pode ser compreendido a partir de uma crítica de rodapé. Cada ensaio exige um enfoque particular. Pretende-se aqui oferecer uma sinopse do que foi visto e estimular o leitor a estabelecer um diálogo com esse trabalho modelar.

TEMPESTADE DE IDEIAS. Artigo crítico sobre o livro *A tempestade engarrafada*, de João Carlos Teixeira Gomes. Salvador, Egba, 1996, 244 p. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 19 out. 98, p. 7.



O Elevador Lacerda visto da rampa do mercado.



DAVID SALLES E A CRÍTICA DE RODAPÉ

David Salles começou a publicar os primeiros contos quando Glauber Rocha, Florisvaldo Matos, João Ubaldo Ribeiro, Calazans Neto, Paulo Gil Soares e outros formavam o mais criativo grupo de escritores e artistas da Salvador que, na metade do século, se debatia entre o provincianismo e o cosmopolitismo. As Jogralescas, com as primeiras experiências cênicas de Glauber, o grupo *Mapa*, nascido em torno da publicação do mesmo nome, e a revista *Ângulos* reuniam quantos tivessem talento ou pretensões intelectuais.

O conhecido suplemento literário do *Diário de Notícias* e as páginas inovadoras do *Jor-*

nal da Bahia acolheram em 1958 as primeiras publicações de David Salles, época em que ele participou da revista *Ângulos*. Convém lembrar que o JBa reunia no seu corpo de redação os escritores e artistas mais expressivos do nosso meio que, além do jornalismo diário, emprestavam uma dimensão surpreendente às páginas de cultura.

Sua estreia em livro se deu em 1961, no volume coletivo *Reunião*, ao lado de Sônia Coutinho, João Ubaldo Ribeiro e Noêmio Spínola, este último então diretor de *Ângulos*. Já no ano seguinte, publicava *A traiçoeira invenção da noite*, pelas Edições Macunaíma, editora criada pelos remanescentes da revista *Mapa*.

Formado em direito, a exemplo de outros companheiros de geração, David Salles trocou o exercício da advocacia pelo início de uma nova carreira: matriculou-se no curso de Letras e, após a conclusão, iniciou uma vida acadêmica que durou até a sua morte prematura.

Foi como professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal da Bahia e, eventualmente, como professor visitante nos Estados

Unidos que ele se dedicou sistematicamente à crítica, deixando em sus-penso a atividade de ficcionista. Como crítico universitário publicou *Primeiras manifestações da ficção na Bahia* (pela UFBA e, uma segunda edição ampliada, pela Cultrix), *Oficcionista Xavier Marques: um estudo da tradição ornamental* e o conjunto de ensaios intitulado *Do ideal às ilusões: alguns temas da evolução do romantismo brasileiro*, ambos pela Civilização Brasileira.

Mais de uma centena de textos dispersos foram publicados também em *O Estado de São Paulo*, no *Minas Gerais Suplemento Literário* e, principalmente, em *A Tarde*, onde manteve, desde os fins da década de setenta ao início da década de oitenta, a coluna “Crítica de rodapé”.

Ficaram inéditos um livro sobre Jorge Amado, mais um outro sobre ficção na Bahia e o volume *Crítica de rodapé*. Neste último, reunia o que considerava essencial do seu pensamento crítico, centrado em obras de ficção. A mesma atividade de ficção que ele interrompeu para se dedicar integralmente à crítica.

É do prefácio escrito por David para o último livro inédito que retiramos o trecho seguinte:

“Aconteceu em Washington. Procurei um renomado professor universitário, autor de vários livros de crítica literária sobre a poesia em língua inglesa, e solicitei-lhe informações acerca das principais correntes ou tendências contemporâneas de abordagem na crítica literária norte-americana. Ele me lançou um olhar de quem se sente ofendido e, como se condescendesse à minha ignorância, respondeu com um desabafo de indignação: *Não sou crítico literário; sou um scholar.*”

Essa passagem, que abre o volume *Crítica de rodapé*, talvez sirva para sugerir a distância entre a crítica, como atividade responsável pela criação de elos entre as obras e os leitores, e o ensaísmo universitário, mais voltado para si mesmo do que para a circulação do texto literário.

O crítico está mais interessado em arriscar uma leitura de livros, no momento em que são publicados, respondendo pelos muitos equívocos e pelos possíveis acertos. Sua atividade, desdenhada pelos criadores menos seguros,

consiste numa operação análoga ao do leitor habitual: ler e expressar o seu gosto pela leitura.

Trata-se, então, de fazer circular as ideias contidas nas obras; de trazer para a mídia aquilo que quase sempre permanece nos solitários e autossuficientes gabinetes universitários.

Como leitor comum que é, envolvido com o mundo real, com suas paixões e suas desventuras, um crítico emite opiniões tão distantes das opiniões de um outro crítico, quanto um leitor possa divergir de outro leitor. É bom que assim o seja. A pluralidade assegura a possibilidade de inovações da literatura. Sendo uma arte e não uma ciência, é o gosto de um momento histórico que constrói o seu processo de transformação.

Observe-se que os estudos universitários, mesmo quando revestidos de uma função crítica, situam-se em posição diversa. O estudioso acadêmico quer fazer ciência, e só considera a sua atividade legítima quando proclamada científica. Ele não arrisca. Suas análises, quase sempre, se desenvolvem em terrenos firmes, não cediços. O gosto é obliterado, qual filho bastardo de uma família de tradições.

Expulsa da academia, à crítica de caráter impressionista só restam as páginas descartáveis dos jornais. E mesmo nessas, quase nunca alcança os espaços de destaque, tendo chegado aos cantos menos visíveis, aos rodapés. Daí a designação – “crítica de rodapé” – atribuída à atividade dos leitores e amantes dos textos que querem proclamar seu enamoramento e escrever em letras impressas as qualidades do objeto amado.

Tal foi a tarefa a que David Salles se dedicou, “consciente dos riscos que corre abdicando ser *scholar* em tempo integral, isto é, em todos os momentos de sua convivência com o texto literário”, conforme as palavras deixadas à margem dos artigos que constituem o livro inédito *Crítica de rodapé*.

DAVID SALLES E A CRÍTICA DE RODAPÉ. Artigo sobre o lugar do crítico literário David Salles no panorama brasileiro. Coluna “Leitura Crítica” do jornal *A Tarde*, Salvador, 21 jul. 97, p. 7.



LIVROS DO AUTOR

POESIA

Temporário; poesia. Salvador, Cimape, 1968 (Coleção Autores Baianos, 3).

Paralelo entre homem e rio: Fluviário; poesia. Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1972.

O signo selvagem; metapoema. Salvador, Margem / Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

Fonte das pedras; poesia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1979.

Fragmentos do diário de naufrágio; poesia. Salvador, Oficina do Livro, 1992.

O espelho infiel; poesia. Rio de Janeiro, Diadorim, 1996.

ENSAIO E CRÍTICA

- O espelho de Narciso*. Livro I: *Linguagem, cultura e ideologia no idealismo e no marxismo*; ensaio. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1981.
- A poética pessoana: uma prática sem teoria*; ensaio. Salvador, CEDAP; Centro de Editoração e Apoio à Pesquisa, 1992.
- Godofredo Filho, irmão poesia*; ensaio. Salvador, Oficina do Livro, 1992. (Tiragem fora do comércio.)
- Poetas, meninos e malucos*; ensaio. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1993. (Cadernos Literatura & Linguística, 1.)
- Jorge Amado: Da guerra dos santos à demolição do eurocentrismo*; ensaio crítico. Salvador, CEDAP, 1993.
- Literatura e intertextualidade*; ensaio. Salvador, CEDAP, 1994.
- Herberto Sales. Ensaaios sobre o escritor*. Salvador, Oficina do Livro, 1995.
- O viajante de papel*. Perspectiva crítica da literatura portuguesa. Salvador, Oficina do Livro, 1996.
- Triste Bahia, oh! quão dessemelhante*. Notas sobre a literatura na Bahia. Salvador, Egba; Secretaria da Cultura, 1996.
- O lugar da linguagem na teoria freudiana*; ensaio. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1997. (Col. Casa de Palavras)
- O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga*; ensaios. Salvador, Oficina do Livro, 1999.

- O trovadorismo galaico-português*; ensaio crítico e antologia. Feira de Santana, UEFS, 2000.
- Três temas dos anos trinta*; textos de crítica literária. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Cadernos de sala de aula, 1)
- Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira*. Org., intr. e notas Rubens Alves Pereira e Elvya Ribeiro Pereira. Feira de Santana, UEFS, 2003. (Col. Literatura e diversidade Cultural, 10)
- Desatino romântico e consciência crítica*. Uma leitura de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. 2^a ed. Ilhéus, Rio do Engenho, 2015.

NO EXTERIOR

- The savage sign / O signo selvagem*; poesia; trad. Hugh Fox. Lansing, Ghost Dance, 1983. (Edição bilingue norte-americana.)

E-BOOKS

- Desatino romântico e consciência crítica*. Uma leitura de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. Cedap, Coleção Oficina do Livro, v. 1, e-book.br, 2014. Web: issuu.com/e-book.br/docs/camilo
- O silêncio do Orfeu Rebelde e outros escritos sobre Miguel Torga*, 2 ed. Coleção Oficina do Livro, vol. 3, e-book.br, 2015. Web: issuu.com/e-book.br/docs/torga

- Literatura e intertextualidade*. Coleção Oficina do Livro, vol. 2, e-book.br, 2015. Web: issuu.com/e-book.br/docs/intertextualidade
- Noventa anos do modernismo na Feira de Santana de Godofredo Filho*. Coleção E-Poket, vol. 2, e-book.br, 2015. Web: issuu.com/e-book.br/docs/godofredofilho
- Os riscos da cabra-cega. Recortes de crítica ligeira*. 2 ed., Coleção Literatura e Diversidade Cultural, e-book.br, 2015. Web: issuu.com/e-book.br/docs/cabra-cega
- Da invenção à literatura. Textos de teoria e crítica*. Coleção Oficina do Livro, vol. 4, e-book.br, 2015. Web: issuu.com/e-book.br/docs/invencao
- Orpheu em Pessoa*. Org. Cid Seixas e Adriano Eysen. Coleção Oficina do Livro, vol. 6, e-book.br, 2015. Web: issuu.com/e-book.br/docs/orpheu
- Do inconsciente à linguagem. Uma teoria da linguagem na descoberta de Freud*. Coleção E-poket, vol. 4, e-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/inconsciente
- A Literatura na Bahia*. Livro 1: *Tradição e Modernidade*, e-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/tradicaomodernidade
- 1928: Modernismo e Maturidade*. Livro 2 de *A Literatura na Bahia*, e-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/1928
- Três Temas dos Anos 30*. Livro 3 de *A Literatura na Bahia*, e-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/anos30

- Final do século XX*. Livro 4 de *A Literatura na Bahia*, e-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/seculo20
- A essência ideológica da linguagem*. Livro I de: *Linguagem, cultura e ideologia*, e-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/linguagem1
- Linguagem e conhecimento*. Livro II de: *Linguagem, cultura e ideologia*, e-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/linguagem2
- Sob o signo do estruturalismo*. Livro III de: *Linguagem, cultura e ideologia*, e-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/linguagem3
- O contrato social da linguagem*. Livro IV de: *Linguagem, cultura e ideologia*, e-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/linguagem4
- A Linguagem: do idealismo ao marxismo*. Livro V de: *Linguagem, cultura e ideologia*, e-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/linguagem5
- Stravinsky: uma poética dos sentidos. Ou a música como linguagem das emoções*. Coleção E-Pocket, vol. 5, e-book.br, 2016. Web: issuu.com/e-book.br/docs/stravinsky

- Castro Alves e o reino de eros*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/eros>
- Espaço de convenção e espaço de transgressão*. Livro I de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2016. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/1.espaco>
- A construção do real como papel da cultura*. Livro II de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/2.construcao>
- A poesia como metáfora do conhecimento*. Livro III de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/3.poesia>
- O signo poético, ficção e realidade*. Livro IV de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/4.signo>
- Do sentido linear à constelação de sentidos*. Livro V de *Conhecer Pessoa*. Copenhagen, Issuu, E-Book.Br, 2017. Disponibilizado em <https://issuu.com/e-book.br/docs/5.sentido>

PARTICIPAÇÃO

- CUNHA, Carlos; SEIXAS, Cid. (Org.). *Breve romanceiro do natal*; antologia poética. Salvador, Beneditina, 1972. (Coautoria)

- CUNHA, Carlos; SEIXAS, Cid. (Org.). *Sete cantares de amigo*; antologia poética. Salvador, Arpoador; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1975. (Coautoria)
- CUNHA, Carlos; SEIXAS, Cid. (Org.). *Lira de bolso*; poesia. Salvador, Arpoador/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1975. (Coautoria)
- VV.AA.: *Antologia de Poetas da Bahia em Alfabeto Braille*; poesia. Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1976. (Coautoria)
- TAVARES, Luis Henrique Dias et alii: *Jorge Amado. Ensaios sobre o escritor*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1983. (Participação com o poema “Bahia de Todos os Santos”, dialogando com a obra amadiana.)
- TORGA, Miguel: *Novos contos da montanha*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996. (“Apresentação à edição brasileira”, p. 1-8.)
- GUERRA, Guido: *Vila Nova da Rainha Doida*; contos. Rio de Janeiro, Record, 1998. (“Os contos de Guido Guerra”, abas 1-2.)
- DAMULAKIS, Gerana: *O rio e a ponte; à margem de leituras escolhidas*. Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo, 1999. (“A obra e o leitor: uma ponte necessária”, abas 1 -2.)
- TORGA, Miguel: *Contos da montanha*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999. (Artigo: “Os Sonhos do Sujeito e sua Construção Social”, p. 1-10.)
- BRASIL, Assis: *A Poesia Baiana no Século XX*. Antologia. Rio de Janeiro, Imago, 1999. (Participação

- com dois poemas: “Pasto das águas” e “Tebas revisitada: Cidade da Bahia”, p. 213-215.)
- CASTRO, Renato Berbert de. *As candidaturas de Almachio Diniz e Wanderley Pinho à Academia Brasileira*. Salvador, Academia de Letras da Bahia; Assembléia Legislativa, 1999. (Artigo: “Renato Berbert de Castro: o viajante de papel”, p. 7-12.)
- AZEVEDO et alii. *Um grapiúna no país do Carnaval*. Org. e revisão Vera Rollemberg. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado; Edufba, 2000. (Artigo: “O sumiço da santa: Um painel colorido da cultura mestiça”, p. 333-340.)
- BRASILEIRO, Antonio. *A estética da sinceridade & outros ensaios*. Feira de Santana, UEFS, 2000. (“Estética brasileira e identidade pessoal”, abas 1-2.)
- GUERRA, Emília Leitão: *Poemas escolhidos*. Salvador, Edições Cidade da Bahia, 2000. (“A poesia ‘familiar’ de Emília Leitão Guerra”, p. 7- 17.)
- PEREIR, Roberval. *A unidade primordial da lírica moderna*. Feira de Santana, UEFS, 2000. (“Unidade do moderno e do contemporâneo”, abas 1-2.)
- CUNHA, Carlos. *A flauta onírica e novos poemas*. Salvador, Edições Cidade da Bahia; Fundação Gregório de Mattos, 2001. (Artigo: “Do velho preciosismo ao non sense pós-moderno”, p. 151-159.)
- PÓLVORA, Hélio, org. *A Sosígenes, com afeto*. Salvador, Edições Cidade da Bahia; Fundação Gregório de Mattos, 2001. (Artigo: “Sosígenes Costa, epopéia cabocla do modernismo na Bahia”, p. 75-84.)

- RIBEIRO, Carlos, org. *Com a Palavra o Escritor*. Salvador, Casa de Palavras; Fundação Casa de Jorge Amado, 2002. (Artigo: “Com a palavra Guido Guerra”, p. 64-73.)
- BARROS, José Carlos. (Org.). *Bahia: Poetas e Poemas Contemporâneos*. Salvador, Módulo, 2003. (Poemas escolhidos, p. 67-76.)
- CANIATO, B. Justo; GUIMARÃES, Elisa, org. *Linhas e entrelinhas: Homenagem a Nelly Novaes Coelho*. São Paulo: Editora Casemiro, 2003. (Artigo: “Academia dos Rebeldes: Revisitando uma proposta não esboçada”, p. 71-76.)
- GUERRA, Guido. *Auto-Retrato*. Salvador, Fundação Gregório de Mattos, 2003. (Artigo: “Auto-Retrato do Escritor Guido Guerra”, p. 285-291.)
- MATTOS, Cyro; FONSECA, Aleilton, org. *O triunfo de Sosígenes Costa*. Ilhéus, Editus, 2005. (Artigo: “Iararana, um documento dos anos 30”, p. 143-156.)
- LEITE, Oliveira. (Org.). *Vertentes culturais da literatura na Bahia*. Salvador, Quarteto, 2006. (Artigo: “Jorge Amado e o canto épico da mestiçagem”, p. 39-50.)
- HOISEL, Evelina; RIBEIRO, M. de Fátima. (Org.). *Viagens: Vitorino Nemésio e intelectuais portugueses no Brasil*. Salvador, UFBA, 2007. (Artigo: “Hélio Simões e as relações luso-brasileiras”, p. 49-56.)
- GILFRANCISCO. (Org.). *Musa capenga* (obra esquecida de Edson Carneiro). Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2007. (Artigo: “A poesia de Édison Carneiro redescoberta por Gilfrancisco”, p. 11-19.)

- GUERRA, Guido. *Imortal irreverência: depoimentos e entrevistas*. Salvador, Ponte da Memória; Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2009. (Artigo: “Guido Guerra: do jornalismo à criação literária”, p. 15-22.)
- GUERRA, Guido. *Imortal irreverência: depoimentos e entrevistas*. Salvador, Ponte da Memória; Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 2009. (Depoimento: “A timidez escondida”, p. 119-138.)
- HOISEL, Evelina; LOPES, Cássia. *Poesia e Memória: A poética de Myriam Fraga*. Salvador, Edufba, 2011. (Artigo “Palavra de mulher, coisa fecunda”, p. 291-294.)
- MATTOS, Cyro de. *Berro de fogo e outras histórias*. Ilhéus, Editos, 2013. (Artigo de introdução ao livro: “A força selvagem”, p. 9-12.)
- SEIXAS, Cid; EYSEN, Adriano, org. *Orpheu em Pessoa*. Cedap, Coleção Oficina do Livro, E-book.br, v. 6, 2015. Web: issuu.com/e-book.br/docs/orpheu (Artigo: “Fernando Pessoa, centro constelar do grupo Orpheu”, p. 161-180.)
- EUCLIDES NETO. A última caçada; contos. Seleção, introdução e notas de Cid Seixas. Coleção Oficina do Livro, E-book.br, 2017. Web: <https://issuu.com/euclides-neto/docs/1> (Artigo: “O Contista Euclides Neto”, p. 9-12.)
- EUCLIDES NETO. O advogado e o burro ladrão; conto. Seleção, introdução e notas de Cid Seixas. Coleção Oficina do Livro, E-book.br, 2017. Web: <https://issuu.com/euclides-neto/docs/2> (Artigo: “Uma Pequena Grande Obra”, p. 11-16.)

Cid Seixas é jornalista e escritor. Antes de se tornar professor universitário, atuou na imprensa como repórter, *copy desk* e editor, trabalhando em rádio, jornal e televisão. Fundou e dirigiu um dos mais qualificados suplementos literários, o *Jornal de Cultura*, publicado na Bahia pelos Diários de Notícias. É graduado pela UCSAL, mestre pela UFBA e doutor pela USP.

Na área de editoração, dedica-se a planejamento e projeto de livros e outras publicações. Além de ter colaborado com jornais e revistas especializadas – entre os quais *O Estado de S. Paulo* e a *Colóquio Letras*, de Lisboa –, assinou, durante cinco anos, a conceituada coluna “Leitura Crítica”, no jornal *A Tarde*.

Professor Titular aposentado da Universidade Federal da Bahia e Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde atuou nos projetos de criação do Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, bem como da UEFS Editora.

A LITERATURA NA BAHIA

Livro 4: Final do Século XX

Antonio Torres, Aramis Ribeiro Costa, Aleilton Fonseca, Bráulio de Abreu, Cyro de Mattos, David Salles, Elieser Cesar, Euclides Neto, Gláucia Lemos, Guido Guerra, João Carlos Teixeira Gomes, Ruy Espinheira Filho e outros autores baianos figuram neste volume, sem refletir preferência ou hierarquia, pelo fato dos seus livros terem sido discutidos nos últimos anos de publicação da coluna “Leitura Crítica”, assinada por Cid Seixas no jornal *A Tarde*. Outros textos e autores serão objeto de novos volumes da série *A Literatura na Bahia*.

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL